

OBSERVATÓRIO
PSICANALÍTICO

Jornal do
**OBSERVATÓRIO
PSICANALÍTICO**
FEBRAPSI 2018

FEBRA  PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANALISE

EDITÓRIAL

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA FEBRAPSI

Anette Blaya Luz

SECRETÁRIA GERAL

Rosa Maria Carvalho Reis

TESOUREIRO

Wagner Francisco Vidille

DIRETOR DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Ignácio Alvez Paim Filho

DIRETOR DO CONSELHO PROFISSIONAL

Hemerson Ari Mendes

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Cláudia Aparecida Carneiro

DIRETORA DE COMUNIDADE E CULTURA

Leda Affonso Figueiredo
Herrmann

DIRETORA SUPERINTENDENTE

Maria Teresa Silva Lopes

SECRETÁRIA DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Regina Pereira Klarman

EDITORA DA REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Marina Massi

GRUPO COORDENADOR DO OP

Carlos Cesar Marques Frausino

Cíntia Xavier de Albuquerque

Joyce Goldstein

Maria Elizabeth Mori

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Salomé

*Este PDF é melhor visualizado no
modo de **páginas duplas** com capa.*

Chegamos ao final de mais um ano de trabalho apresentando a todos com o *Jornal do Observatório Psicanalítico Febrapsi 2018*.

O OP continua seu bem sucedido percurso, agora a caminho do 32º Congresso Latino-Americano de Psicanálise da Fepal, a realizar-se este mês de setembro, em Lima, no Peru, onde será apresentado aos colegas da América Latina.

Neste Jornal constam os 32 textos produzidos pelos psicanalistas da Febrapsi até o final de julho deste ano e, dessa vez, tentamos aprimorar as categorias, que ficaram assim:

A - Cultura, artes e literatura

B - Educação, saúde e políticas públicas

C - Eventos psicanalíticos, teoria e clínica do analista

D - Política nacional e internacional.

O grupo coordenador, inicialmente um trio composto por Beth Mori, Carlos Frausino e Cíntia Xavier de Albuquerque, transformou-se num quarteto, com a chegada de Joyce Goldstein.

Faço aqui meu agradecimento pessoal a esse extraordinário grupo de trabalho. E também a Anette Blaya Luz, presidente da Febrapsi, que me convidou para seguir na coordenação do OP em sua gestão.

Desejo que o OP siga vitalizado e valorizado.

Que ele tenha vida longa e interessante.

CÍNTIA XAVIER DE ALBUQUERQUE

COORDENADORA DO OBSERVATÓRIO PSICANALÍTICO FEBRAPSI



**CULTURA, ARTES
& LITERATURA**

10

OP-33 • MARION MINERBO, LUCIANA BOTTER
Neoconservadorismo, um sintoma do mal-estar na civilização

12

OP-44 • HEMERSON ARI MENDES
Entre o esconde-esconde e a nudez explícita

14

OP-53 • AÍDA MARIA MORAES UNGIER
Adeus, Philip Roth

16

OP-54 • ROSSANA NICOLIELLO PINHO
Falando de amor

18

OP-55 • PAULO HENRIQUE FAVALLI
11ª Bienal do Mercosul: alerta a uma realidade incômoda

20

OP-56 • AUGUSTO FERRARI
Copa: Encontros

22

OP-59 • ANNA-MARIA DE LEMOS BITTENCOURT
Germano Almeida, o contador de histórias

24

OP-61 • BETH MORI
Porque era ele, porque era eu...



**EDUCAÇÃO,
SAÚDE &
POLÍTICAS
PÚBLICAS**

28

OP-35 • FÁTIMA FREITAS, ALIDA FUHRMEISTER,
CARMEM KEIDANN, DAVID BERGMANN, MARISTELA WENZEL,
MERY WOLFF, ROSÂNGELA COSTA, ALICE LEWKOWICZ
Abismos Sociais: Intersubjetividade na
interdisciplinaridade como uma alternativa

30

OP-36 • ROOSEVELT CASSORLA
Suicídio e homicídio na universidade pública

32

OP-38 • LIANA ALBERNAZ DE MELO BASTOS
Luta democrática e reforma psiquiátrica

34

OP-47 • ALICE BECKER LEWKOWICZ, ELEONORA ABBUD
SPINELLI, JOYCE GOLDSTEIN, MARIA ELISABETH CIMENTI
Ainda resta esperança no insuportável?

36

OP-50 • LIANA ALBERNAZ DE MELO BASTOS
O sonho das ciências e a ciência dos sonhos

38

OP-57 • PAULO MARCHON
O assalto à infância

EVENTOS PSICANALÍTICOS, TEORIA E CLÍNICA DO ANALISTA

42

OP-31 • MAGDA KHOURI

Por que não Psicanálise? A clínica psicanalítica acessível na relação com a cidade

44

**OP-39 • CARLOS FRAUSINO, BETH MORI,
CÍNTIA XAVIER DE ALBUQUERQUE**

Observatório Psicanalítico Febrapsi:
uma construção coletiva

46

OP-40 • IGNÁCIO PAIM FILHO

“Não desejo suscitar convicções – desejo
estimular o pensamento e derrubar
preconceitos”

48

OP-42 • MIGUEL SAYAD

As rotas da escravidão

50

OP-43 • SÉRGIO LEWKOWICZ

IPA na Comunidade

52

OP-45 • GLEDA BRANDÃO ARAÚJO

Temporalidades e vínculos – desafios
da clínica contemporânea

54

OP-52 • ALMIRA RODRIGUES

O feminino e a cultura

56

OP-58 • PAULO DE MORAES MENDONÇA RIBEIRO

BION 2018: Pensamentos Selvagens

58

OP-60 • NEY MARINHO

O psicanalista que amava os livros ou
Jayme Salomão (1928-2018)

60

OP-62 • GISÈLE BRITO

Pensamentos Selvagens

**POLÍTICA
NACIONAL E
INTERNACIONAL**

64

OP-32 • LUCIANO LÍRIO
Terroristas: quem são eles?

66

OP-34 • WAGNER VIDILLE
Consciência negra

68

OP-37 • CARMEN SOUTO
Chama o bombeiro!

70

**OP-41 • JOYCE GOLDSTEIN,
MARIA TERESA SILVA LOPES**
Agenda Brasil

72

OP-46 • WANIA CIDADE
Mulher negra existe!

74

OP-48 • RODRIGO LAGE LEITE
Quem tem medo do Largo do
Paissandu? Reflexões sobre uma
tragédia secular

76

**OP-49 • CRISTIANE RANGEL, ELOÁ BITTENCOURT,
ELISA ALVARENGA, WANIA CIDADE**
Herança escravagista: uma síntese

78

OP-51 • DANIELA BOIANOVSKY
Israel: a construção de um olhar...

*Os textos publicados refletem
a opinião de seus autores.*



CULTURA

ARTES

LITERATURA

16 • NOVEMBRO • 2017

Acontecimentos recentes no Brasil e no mundo nos levam a pensar numa onda de conservadorismo. Liberdades e valores conquistados nas últimas décadas estão ameaçados. Museus e exposições de arte censuradas pelo público, sob alegação de incitar pedofilia ou simplesmente por exibirem nus artísticos que, de repente, se tornaram “obscenos”; a “cura gay” como retorno de uma postura homofóbica; políticos de direita e/ou conservadores em ascensão, em resposta à demanda popular; manifestações racistas no futebol, e por aí vai.

Desde Freud, o *mal-estar na civilização* produz fenômenos que podem ser interpretados como sintomas do sofrimento psíquico consubstancial àquela cultura. Em cada época e lugar, para que uma determinada cultura se estabeleça e se torne hegemônica, ela impõe renúncias específicas. São verdadeiras amputações psíquicas. A primeira, denunciada por Freud nesse texto, tinha a ver com a sexualidade. Mas o raciocínio vale para qualquer parte amputada, pois ela sempre faz falta e produz sofrimento psíquico – ou *mal-estar*, se preferirem. Em todas as épocas e lugares, a cultura oferece soluções sintomáticas que tentam minimizar o sofrimento que ela própria produz. São os fenômenos que podemos chamar de loucuras cotidianas*.

Que sofrimento psíquico poderia estar determinando essa onda conservadora? O que teria sido amputado?

NEOCONSERVADORISMO

Hoje publicamos o texto de **Marion Minerbo** e **Luciana Botter** sobre um tema que tem nos causado seguidas perplexidades: o conservadorismo atual.



UM SINTOMA DO
MAL-ESTAR
NA CIVILIZAÇÃO

Na modernidade havia um conjunto rígido de valores tidos como universais. Quem não se encaixasse no modelo prescrito e dominante, via-se, e era visto, como desviante. A família patriarcal, como único modelo legítimo e possível, é um exemplo da hegemonia de certos valores. Há 40 anos, quem imaginaria uma família homoparental? Em oposição a essa rigidez, vivemos num contexto sociocultural em que tais valores foram relativizados. Já não acreditamos em um modelo único, e por isso as pessoas têm mais liberdade para inventar novas formas de vida. Isso tem a *vantagem* de contemplar as várias formas de subjetividade. Por outro, é uma evidência da crise das instituições. É daí que surgem as *desvantagens*, relacionadas a uma das principais características dos nossos tempos: a “miséria simbólica”.

Mas, o que é a miséria simbólica?

Quando o conceito de “verdade universal” é relativizado, os ganhos são incontestáveis. Mas quando a própria noção de verdade passa a ser, ela mesma, entendida como ultrapassada, nociva, autoritária – aí sim, emerge o lado patogênico da crise das instituições. Jogou-se fora o bebê junto com a água do banho. É aí que começamos a “passar fome”. A passagem de um saudável relativismo, para um *relativismo absoluto*, deixa os sujeitos sem referências com as quais construir suas identidades. Sem chão, o Eu se fragiliza e passa a sofrer de uma “anemia psíquica”. Submerge na angústia porque não há mais verdades minimamente estabelecidas nas quais pautar o Ideal do Eu.

O relativismo absoluto produz o que chamamos de miséria simbólica: uma impossibilidade de afirmar *qualquer valor* como válido. O conceito bizarro de pós-verdade decorre disso. As instituições protegem nossa vida psíquica; quando estão em crise profunda,

A passagem de um saudável relativismo, para um relativismo absoluto, deixa os sujeitos sem referências com as quais construir suas identidades. Sem chão, o Eu se fragiliza e passa a sofrer de uma “anemia psíquica”.

ficamos órfãos das narrativas que elas criam e sustentam. É fundamental acreditar em alguma coisa que possa dar sentido às nossas vidas, para não cair no vazio existencial.

É aí que entra a onda conservadora. Podemos interpretá-la como solução sintomática frente à angústia produzida pela miséria simbólica. Após a desconstrução radical operada pelo relativismo absoluto, o conservadorismo emerge como uma tentativa de reconstruir algo mais sólido. Mas como está ligado à miséria simbólica, acaba defendendo valores rasos, concretos, colados na materialidade e na sensorialidade. Na ausência do símbolo, a diferença entre o homem nu no museu, e o homem nu na rua, se perde. O nu já não pode ser compreendido como símbolo – como aconteceu ao longo de séculos. Ele será interpretado em sua concretude e materialidade: é uma pessoa pelada, algo moralmente condenável. ■

* <https://loucurascotidianas.wordpress.com/>

Hoje publicamos delicioso texto de **Hemerson Mendes** inspirado pelas mudanças dos tempos. “Mas é carnaval...”

entre o

ESCONDE-ESCONDE E

14 • FEVEREIRO • 2018

A NUDEZ EXPLÍCITA

Atualmente, os carnavais estão mais para a explícita nudez do que para as antigas – e precursoras – máscaras que propiciavam o anonimato; então, fundamentais para se viver secretas fantasias. Talvez sejam faces da mesma moeda. Mais explícito, em consonância com o seu tempo, meu caçula adentrava a sala e proclamava: meu tico está “enormizado”, obviamente, tentando mostrar seu infantil poder.

Eu, em sintonia com meu tempo, brincava de esconde-esconde. A brincadeira tem algumas variações – cabra cega era uma delas; porém, o núcleo central é alguns esconderem-se; aparentemente, para não serem encontrados, enquanto alguém procura até encontrá-los.

Na minha infância – sim, eles não terminam, mas vamos brincar que sim –, eu tinha um esconderijo “perfeito”, ninguém conhecia o labirinto do porão – gostaria que fosse

sótão, mas era o que a realidade propiciava – da minha casa; além disso, eu podia, através de pequenos furos nos tijolos, avistar a movimentação dos demais que procuravam o último a ser descoberto.

Inicialmente, todos se esforçavam na tarefa, mas como o encontrar era “impossível”, os participantes desanimavam e o desinteresse aumentava. Concomitantemente, eu começava a ficar angustiado no meu esconderijo, percebia que alguns desistiam de procurar-me, outros começavam a sugerir novas brincadeiras. Só me restava sair do esconderijo e dar pistas para ser descoberto.

Todos têm seus esconderijos num atemporal esconde-esconde mental; às vezes, se esconde dos outros; em outras situações, de si mesmo. Frequentemente, existe um amálgama das duas posições. Na ampla zona cinza que contempla o consciente e o inconsciente.

São variados os esconderijos e os escondidos. A pré-potência pode esconder-se atrás da prepotência travestida por jalecos, togas, batinas, fardas, diplomas... A verdadeira sexualidade, eventualmente, acomoda-se em armários. A insegurança aninha-se no desejo do outro. O magro faminto faz seguro no corpo obeso. A carência pode desviar o foco através do *photoshop* da nudez explícita – seria essa a versão atual do antigo esconde-esconde?

Quem já brincou de esconde-esconde com crianças (ou como) sabe perfeitamente o quanto elas vão dando pistas para serem encontradas. Se há demora, as pistas vão aumentando – sussurros, risos, o chacoalhar de cortinas... O encontro geralmente é o momento de maior excitação.

Algumas até se frustram por serem encontradas rapidamente, mas a ansiedade as invade se houver demora.

Na vida adulta, o sistemático uso dos esconderijos nada mais são que crianças que se perderam no brincar da vida e clamam por ser encontradas. Muitas vezes não sabem como fazer, outras não têm consciência do que escondem e de seus medos. Contudo, a descoberta segue sendo libertadora.

Há alguns anos, vi uma charge, era a caricatura de uma cena de esconde-esconde, comentava-se sobre a determinação/teimosia de um dos personagens. Na última tira, ele é caracterizado por um esqueleto no esconderijo de seu último esconde-esconde.

São variados os esconderijos e os escondidos. A pré-potência pode esconder-se atrás da prepotência travestida por jalecos, togas, batinas, fardas, diplomas... A verdadeira sexualidade, eventualmente, acomoda-se em armários.

Esconde-se para ser descoberto. Manter o escondido/esconderijo é o adoecer (ou a morte) do esconde-esconde (ou do viver).

Um remédio para o adoecimento do esconde-esconde é variação do pega-pega, no qual quem foi pego (aprisionado – por uma carcereira que poderíamos chamar de Neurose), pode ser liberado pelo toque de alguém que está livre. Contudo, é necessário que este emita um grito, estique um braço, dis(ex)ponha-se a um olhar convidativo, permita-se arejar o porão (quem sabe o sótão?) da pseudo segurança dos esconderijos mentais.

Contudo, paradoxalmente, o desespero da nudez explícita parece condenar à mesma solidão. ■

Hoje publicamos a homenagem de **Aída Maria Moraes Ungier** ao brilhante escritor americano Philip Roth, que morreu recentemente.

8 • JUNHO • 2018

adeus, PHILIP ROTH

Alguns, dentre nós, têm a sublime inclinação para transformar em narrativas suas próprias vivências e emoções, de tal sorte que, ao lê-las, nos emocionamos por identificar nossa própria experiência nas experiências descritas.

A cultura americana no século XX perdeu um de seus mais brilhantes comentaristas. Philip Roth nos deixou em 25/05/2018, na cidade de Nova York, vítima de insuficiência cardíaca. Em suas narrativas, debruçou-se, especialmente, sobre o quadro social que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Filho de imigrantes judeus, mergulhou na tradição de seus pais, emergindo com uma potente escrita, na qual revelou as tramas que teciam o dia a dia da comunidade a qual pertencia, sublinhando o esforço de seus membros para se inserir no seio de uma sociedade competitiva, preconceituosa e excludente.

Nascido em 1933 em Newark, no bairro de Weequahic, estreou na literatura aos 26 anos, através de contos publicados nas revistas *New Yorker* e *Paris Review*. Reuniu alguns deles em seu primeiro livro – *Goodbye Columbus*, que levou o National Book Award de 1960, quando contava apenas 27 anos.

Desde cedo conheceu o aplauso da crítica e o sucesso de público, a despeito das querelas despertadas, em virtude não só dos temas abordados, como da forma provocadora com que os tratava: judaísmo, amor, sexo, doença, morte, traição. Roth refletia sobre o mal estar na civilização e não temia ser rejeitado. Segundo ele, o antissemitismo nasce na cabeça do antissemita.

Escrevendo, fez a catarse de suas mazelas e a arqueologia do humano que o cercava, aproximando-se da psicanálise que cortejou, à distância, desde o primeiro sucesso. Nesse, retratou a masturbação compulsiva, a sexualidade aditiva de Portnoy, um de seus mais emblemáticos personagens. Sua reflexão sobre a condição humana levou-o a investigar os meandros da velhice, da decadência e da morte tal qual acompanhamos, por exemplo, em *O Animal Agonizante* e em *Patrimônio*.

Para Freud, a pulsão é o motor da vida, produzindo, em seu rastro, do crime à obra de arte. Por esse viés, a sublimação seria o destino pulsional por excelência. Trata-se não só das produções geniais guardadas em museus e bibliotecas, mas também, da criatividade cotidiana de homens e mulheres comuns que engendram aquilo que lhes será útil e prazeroso, pelo simples fato de engendrar e, com isso, favorecer a convivência com o outro. Todavia, alguns, dentre nós, têm a sublime inclinação para transformar em narrativas suas próprias vivências e emoções, de tal sorte que, ao lê-las, nos emocionamos por identi-

ficar nossa própria experiência nas experiências descritas. Essa seria a razão do sucesso de algumas dessas obras. Philip Roth foi um desses escritores. Purgou suas paixões em um texto rico, denso, genuíno e provocador, que instigará, ainda, muitas gerações por vir.

É irônico pensar que o escritor que tratou tantas vezes da fúria do desejo masculino, sendo rotulado de machista e misógino e que foi, injustamente, preterido para o Prêmio Nobel de Literatura, morre no exato momento em que a Academia Sueca se vê paralisada por uma acusação de assédio sexual por parte de alguém íntimo da instituição e, mais ainda, que integrantes dela tenham procurado encobrir tais denúncias, para evitar o escândalo.

Em 2013, anunciou sua aposentadoria, com a publicação de *Nêmesis*. Estava cansado e preferia, a partir de então, ler os atores que o haviam influenciado: Dostoievski. Turgue-niev, Kafka, Conrad, Hemingway. Entrevistado, comentando sobre seu legado, citou o boxeador Joe Louis que afirmou no fim da vida: “fiz o melhor que pude com aquilo que tinha”. Roth completou: “é exatamente o que eu diria do meu trabalho”.

Goodbye Philip Roth!

Sua palavra sobreviverá a você e continuará enfrentando o mundo! ■

Euimarães Rosa foi quem soube falar do Amor com maestria, desfilando pelas veredas da dor e da poesia...

E no desafio encomendado, cito uma escrita do passado, sem as aspas da formação, pois do antigo da gente e da amora atualidade é que se vê, renovada, a criação...

Mergulhada nas vicissitudes de um “Sertão”, tomado aqui como a oficina original da mente, cito o Rosa, inspiração da minha escrita, na ousadia do verso e da prosa:

“No Sertão, homem é um eu que ainda não encontrou o tu; por isso ali os anjos e o Diabo manuseiam a própria língua...”

No princípio era um corpo, sem Ser. Um arrisco de viver sem se saber, sutil presença, entre ilusão e crença.

Mas eis que o corpo, que no Amor põe procura, dá voltas no si mesmo e entre achados e perdidos, na “comunicância” intensa do querer, adentra o tu, sem saber...

E desse encontro do acaso, desse “eu” aconchegado na pele do outro, sem a ciência do espaço, surge um sublime momento, olhares de um início, daqueles que ainda é de se ver “pra dentro”...

Na ânsia da cavalgada na garupa do desejo, o “tu”, agora alcançado, ainda é confusão de um ser misturado, um melhor de si... no outro, encarnado. E não importa se ficção ou sensação, é assim que o “eu fica”, em certos tempos do Sertão... É que o “eu” é cabra sabido no querer, que quando se sabe se mente desolado, que é para conseguir calado, o ombro do ser amado...

*Em comemoração ao Dia dos Namorados publicamos o lindo e surpreendente texto de **Rossana Nicoliello Pinho.***

FALANDO DE

AMOR

E no desafio encomendado,
cito uma escrita do passado,
sem as aspas da formatação,
pois do antigo da gente e da
amorosa atualidade é que se
vê, renovada, a criação...

Mas o que se vê no de repente, é que o Amor pousa na palma da mão do “tu”, andanças do corpo ao umbigo da mente, lugar das vivências profundas, onde se forma o início da gente...

Então o Rosa põe alerta no vermelho da paixão, mostra o risco “descalculado”, essa sutil e perigosa con - fusão...

“Um outro pode ser a gente, mas a gente não pode ser o outro, nem convém...”

E segue assim, no incômodo inevitável de uma ampla percepção, o re - começo da existência, na tal queda da ilusão...

E no desassossego, no refazer de um contrato nas minúcias revisado, o Eu, deveras alertado, entende que o AMOR é facho de Luz que ilumina, mas que por vezes, cega e desatina... E no caminho da descoberta, pode ser faca de dois gumes, que na beira do corte, sustenta a vida, mas também a morte...

Mas eis que surge a voz de um oráculo imaginado, que por vezes nos acolhe e até nos dá saída, afirmando que o AMOR é riqueza que se recebe na devolução da investida ! Mas alerta, contundente, que só se pode ter sucesso nessa contrapartida, se essa for, sem negociata, gratuidade correspondida...

E assim, menos apavorado, em festa discreta entre doação e estima, junto da gente mesmo e do outro tão amado, cuidamos do aconchego e da devida distância, sabendo que o Amor é indigesto, se amigo da ganância.

Então aqui pego atalho, pois assunto complexo, dá é muito trabalho...

Ensaio a despedida e ofereço os versos de um certo compositor, que inspirado na melodia, definiu o tal do AMOR, entre o vendaval e a calmaria...

*“AMOR, é chama ardendo sem se ver,
Punhal cravado sem doer,
É o Demo abraçado a Deus...
É a soberana majestade
ajoelhada com humildade
Beijando os pés de súditos plebeus...”* ■

11^a BIENAL DO MERCOSUL:

- ALERTA A UMA
- REALIDADE INCÔMODA

Entre 6 de abril e 3 de junho do corrente ano realizou-se em Porto Alegre a 11^a Bienal de Artes Visuais do Mercosul. Mesmo se tratando de um evento já encerrado, julgo pertinente a proposta do OP de comentá-lo visto as características específicas do tema que orientou a exposição.

A incipiente industrialização, surgida no Brasil durante o século XIX, e a expansão urbana permitiram o desenvolvimento de uma classe social que se diferenciava dos escravos das zonas rurais. Trabalhadores assalariados, burocratas, funcionários públicos, profissionais liberais começaram a compor uma parcela importante da população, ainda que alijada do poder decisório, reservado aos donos do capital econômico.

A apropriação do capital cultural deu a essa classe média uma via de ascensão social e recurso a privilégios só permitidos à aristocracia em épocas passadas, ou aos donos dos meios de produção no período industrial. Dessa maneira, a promoção do conhecimento e da arte voltou-se quase sempre aos interesses desta classe. Sabe-se também que tal promoção moldou-se pela influência europeia, o que gerava um sentimento de superioridade e dessemelhança diante dos negros escravos e seus descendentes. A tentativa de absorção

*Hoje publicamos os esclarecedores comentários de **Paulo Henrique Favalli** sobre a 11^a Bienal de Artes Visuais do Mercosul.*

dos valores europeus fez com que se considerassem toscas e primitivas as expressões culturais dos nativos indígenas e dos africanos importados. Mantiveram-se, assim, apagadas as manifestações das culturas oriundas das populações tratadas como inferiores. Com o tempo a condição de inferiores estendeu-se, além dos negros, em sua maioria, também aos mestiços e brancos excluídos do processo produtivo e de aquisição de bens.

A Bienal pretendeu, pois, um resgate da diversidade cultural dos africanos, indígenas e europeus, que, por força da colonização, se interligaram por mais de 500 anos.

A exposição, realizada em locais jamais frequentados pela mencionada “ralé,” revelou o que até então era assumido como “não existente”. Retratados por vários meios (pinturas, fotos, vídeos, artesanato, instalações), ocuparam a cena artística aqueles que, por anos, foram mantidos na condição de invisíveis. O que não deixa de ser um tanto irônico, pois se reveste de certo “charme” artístico o inferno da escravidão e da exclusão social (“charme” também evidenciado na cínica inclusão de negros na cerimônia nupcial do príncipe Harry com a plebeia Meghan, a aristocracia retrógada fazendo um gesto de concessão aos súditos inferiores).

Contudo, não deixa de ser positivo o fato de, em um evento essencialmente pequeno-burguês como a Bienal, constar o que por

Talvez, nos falte um olhar mais objetivo e crítico às novas formas de escravidão que se impõem nos tempos atuais.

tanto tempo foi relegado ao silêncio. O tema da escravidão, por exemplo, ressaltados alguns estudos históricos e antropológicos, foi ignorado pelos anos que se seguiram a 1888, tendo discreta referência nas escolas com a exaltação da princesa que assinou a Lei Áurea quando o trabalho escravo já não convinha mais. A escravidão foi escancarada em várias obras expostas na Bienal.

Talvez a distância de cento e trinta anos nos proporcione alguma objetividade para encararmos o absurdo e reagirmos com indignação ao que foi feito. Esta objetividade esteve ausente em boa parte dos que viveram aquela realidade, assim como, talvez, nos falte um olhar mais objetivo e crítico às novas formas de escravidão que se impõem nos tempos atuais. Refiro-me à tragédia diária sofrida por imensa parte da população que vive em condições de extrema pobreza. Nesse sentido a importância e mérito da Bienal residem em nos alertar para uma realidade persistente na qual o racismo ultrapassa a circunstância da cor da pele e abrange a ideia, ainda facilmente assimilada, da existência de seres humanos de primeira classe e seres humanos de segunda classe. Que tal reflexão não se limite a um evento a cada dois anos! ■

COPA: ENCONTROS

25 • JUNHO • 2018

Hoje **Augusto Ferrari** nos convida a aproveitar os parênteses na vida real e torcer pelo Brasil na Copa.

Tudo pode acontecer,
vida-vitória ou morte-derrota,
nossa, ou de quem escolhemos,
como os nossos.

A cada quatro anos, esse reencontro. Já foi esperado com maior fervor, é verdade (a vida lá fora não anda nada fácil, corrupção a mil, lava-jato perigando...), mas quando se liga a televisão, lá está! Tudo ficou, exatamente como deixado, e se sabe, enquanto o juiz não apitar o final da partida, estaremos plenamente envolvidos, atentos expectantes: tudo pode acontecer, vida-vitória ou morte-derrota, nossa, ou de quem escolhemos, como os nossos. Nessas ocasiões, quando um outro exército se torna o nosso, geralmente se escolhe o mais fraco. Mito de Goliás contra Davi? A cada quatro anos, nesse Festival, se tem um encontro marcado. Conosco. Com nosso Eu infantil, herdeiro de Narciso, um representante de um tempo onde foram travadas lutas e enfrentados lutos que marcam para sempre. Entra-se em campo, ou entramos em um campo especial, mágico, onde a realidade

e o brincar estão irmanados e nossos (melhores) desejos, (se não houver juiz ladrão!), podem ser recompensados. Em cada rodada, são os nossos contra eles, o bem contra o mal. Nesse espaço (transicional) estamos lá dentro, no centro dos acontecimentos. Nossa senso percepção não nos trai. Temos visão em vários ângulos, até em “super slow motion”, e se pode ouvir-ver-sentir-imaginar o outro: a surpresa, a dor ou a alegria do seu olhar; a intenção do movimento e, aquilo que, reconheça-se, é o principal, onde está? Para onde foi a bola? Cruzou a linha fatal? E quem sou eu, ou o que sou, naquela intensa explosão do gol a nosso favor? Ou quando é preciso se defender, colocando, no último instante, um pé salvador, que livrará os nossos do pior? O inimigo, o outro, se sabe, pode ser ardiloso. E, se nos descuidamos, pode entrar área dentro e nos fuzilar! Todo cuidado é pouco. Infinitas vezes somos só atenção, e mesmo assim, vem o fuzilamento! Mas se houver força, engenhosidade e persistência, haverá vida inteligente, mesmo depois do fuzilamento. Eu mesmo posso lembrar, há memórias que não me deixam na mão, de ocasiões em que o impossível acontece. Volta-se à vida, com os nossos nos reconduzindo a uma ressurreição improvável.

Esse Festival, reencontro permeado e temperado com elementos do Eu ideal, tem tempo e hora marcados. Aproveitemos. A vida real (!) não está fácil. Tentar ser adulto nessa época com tantas incertezas parece tarefa insustentável. Nosso presente parece não avançar, não sair de um tempo em que, como descrevia Chico Buarque, foi, é:

*“Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações”*

Vai passar, letra e música de Chico Buarque. Aproveitemos. Nesse Festival ainda nos é permitido viver-sonhar-desejar uma outra pátria-realidade. Moldada com a têmpera de nossos melhores anseios. ■



O vencedor do Prêmio Camões 2018, Germano Almeida, é homenageado pela colega **Anna-Maria Bittencourt**, às vésperas do IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa.

11 • JULHO • 2018

Com este epíteto que Germano Almeida, o escritor caboverdiano, gosta de se definir. Criado na ilha de Boa Vista, descobriu desde menino a alegria de escutar na língua crioula as histórias prazerosamente contadas pelos seus velhos habitantes.

Emprenha sua escrita com esta saborosa cultura, mas também com o português castiço advindo da leitura de Eça, e dos muitos clássicos portugueses, resultando na vigorosa prosa que lhe fez merecer o Prêmio Camões de 2018 – colocando-o ao lado de outros grandes como Saramago, Mia Couto e João Cabral. Disse-nos ele, na tentativa de resumir esta mestiçagem cultural da tradição oral e escrita: “O crioulo é nossa língua, mas o português é o nosso instrumento... Na Boa Vista contavam histórias, oralmente. Eu aprendi a contá-las através da escrita”.

GERMANO ALMEIDA, O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Vamos conhecendo uma cidade, uma ilha, um país que, através de amores, sofridas lutas e dores, transformou um entreposto de escravos, uma colônia, em um país livre com esta riqueza e pujança que Germano Alves representa.

E Germano contou-as de tal modo que elas alçaram mundo, tornando as estórias e histórias locais – de Boa Vista, do Mindelo, de Cabo Verde, enfim – em literatura universal, como soem tão bem fazer, nossos preciosos Guimarães Rosa ou Manoel de Barros.

Ele conhece perfeitamente as características do seu povo insular, com sua alma migrante, seus sonhos e frustrações, a sofrida guerra de independência e a posterior luta por um país democrático. Apresenta este universo no romance *O Meu Poeta* e, com ironia saborosa e corrosiva, marca registrada do escritor, denuncia a corrupção política e os desatinos do poder, no período pós-independência, temas tão atuais, aqui, do outro lado do Atlântico.

A impiedosa crítica política e dos costumes da sociedade mindelense, estará causticamente exposta em seu romance *O Testamento do Senhor Nepomuceno*. Com humor fino e ironia o autor descortina – a partir do fio central da narrativa, que é a leitura do testamento – a

realidade reprimida da vida do Sr. Nepomuceno, e também aquela que lhe corre paralela: a terrível realidade social de abusos de poder, de desigualdade de classes, de machismo, de hipocrisia e de repressão sexual imposta à sensualidade natural do povo cabo-verdiano.

A leitura daquele testamento – que mais é um livro de memórias – carregado de lembranças e lacunas propicia, tal qual um processo psicanalítico, a elaboração e a reconstrução da história de Cabo Verde e do seu povo, a do nosso autor, Germano, assim como a de seus personagens Nepomuceno e Maria da Graça, sua filha.

O prêmio Camões de Literatura deste ano a Germano chegou justo no momento em que Brasil, Cabo Verde e Portugal organizam o IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, *As Rotas da Escravidão*, em Mindelo, na ilha de São Vicente, palco das aventuras e desventuras do Sr. Nepomuceno. E enquanto as acompanhamos parece que para nós se vão abrindo os portões da cidade, e passeando pela Praça da Estrela, pelo Alto Miramar, pelo por do sol na Baía das Gatas, vamos conhecendo uma cidade, uma ilha, um país que, através de amores, sofridas lutas e dores, transformou um entreposto de escravos, uma colônia, em um país livre com esta riqueza e pujança que Germano Alves representa.

Viva Germano! Viva Cabo Verde! Até novembro! ■

PORQUE ERA ELE, 18 • JULHO • 2018 PORQUE ERA EU...

Acordamos no dia de ontem, 20 de julho, o Dia do Amigo, trocando mensagens de ternura com amigos. Numa dessas, os poetas Milton Nascimento e Fernando Brandt nos lembram que: “amigo é coisa para se guardar. Do lado esquerdo do peito. Mesmo que o tempo e a distância digam “não”. Mesmo esquecendo a canção. O que importa é ouvir a voz que vem do coração”.

O sentido da amizade comparece nas práticas sociais como um afeto relacionado ao amor fraterno. A ideia de fraternidade, expressa na Declaração dos Direitos Humanos, afirma que nascemos livres e iguais em dignidade e direitos. Define o ser humano como um animal político que, ao fazer uma escolha consciente pela vida em sociedade, estabelece com seus semelhantes uma relação de igualdade. Fraternidade, portanto, é um conceito fundamental na configuração da cidadania entre os seres humanos, pois, por princípio, todos somos iguais.



*Hoje publicamos o delicioso e imprescindível texto de **Beth Mori** sobre a riqueza chamada amizade.*

Mas... O que seria de Riobaldo sem Diadorim, em *Grandes Sertões: Veredas*?

Guimarães Rosa dá fala a Riobaldo: “Amigo para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual para o igual, desarmado. O de que tira prazer de estar próximo. Só isto; quase; e todos os sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é. Amigo meu era Diadorim; era Fafafa; o Alaripe; Sesfrêdo.”

Mas antes disso, foi o louvor à amizade, de Michel de La Montaigne, escritor e ensaísta francês do século XVI, dirigido ao amigo Étienne de La Boétie e expresso no Ensaio “Da Amizade”, que eternizou-se nas páginas da literatura:

“Na amizade, a que me refiro, as almas entram-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação. Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele, porque era eu”.

Na Psicanálise, em Totem e Tabu (1917), Freud pensará a origem dos laços sociais ou fraternos como decorrentes da renúncia pulsional e da instauração da lei. O sentimento de fraternidade surgiria como um efeito secundário, a partir de uma rivalidade originária entre irmãos, derivado da triangulação edípica. E a agressividade, portanto, também deve ser recalçada.

Em 1921, em “Psicologia do grupo e análise do ego”, Freud abordará a raiz sexual dos laços sociais e fará um contraponto entre a sensualidade (ou amor sexual direto) e a ternura (pulsão sexual inibida quanto ao alvo).

A amizade é o reconhecimento da minha existência pelo outro. É o amigo que me confirma. Amigos são poucos.

Essa última, presente na ternura e na amizade, como um produto do recalque do amor da criança pela mãe, da atenuação do prazer sexual, devido à interdição paterna.

Sabemos que amor sexual e a amizade podem estar juntos ou separados. Costuma-se dizer que são características próprias da amizade: a não exclusividade, a ausência dos desejos eróticos, a reciprocidade e a liberdade. E que a ruptura do laço amoroso é quase sempre seguida de perda e dor, diferentemente das relações de amizade que muitas vezes se dispersam sem qualquer sofrimento emocional.

Será sempre assim?

Freud, na sua última entrevista, conduzida por George Sylvester Viereck, publicada em 1930 no seu livro *Glimpses of the Great* e republicada no livro *A Arte da Entrevista: Uma Antologia de 1823 aos Nossos Dias*, organizado por Fábio Altman (Scritta, 1995), nos dá uma pista:

“Não me revolto contra a ordem universal, afinal vivi mais de setenta anos. Eu tive o que comer. Desfrutei de muitas coisas — do companheirismo da minha esposa, dos meus filhos, do pôr-do-sol. Eu vi as plantas crescerem na primavera. Algumas vezes recebi um aperto de mão amigo. Uma ou duas vezes encontrei um ser humano que quase me entendeu. O que mais eu posso querer?”

A amizade é o reconhecimento da minha existência pelo outro. É o amigo que me confirma. Amigos são poucos. E a amizade parece exercer papel importante no nosso desenvolvimento quando se constitui como uma espécie de bálsamo diante de todas as perdas e sofrimentos da vida... ■



EDUCAÇÃO

SAÚDE

**POLÍTICAS
PÚBLICAS**

ABISMOS SOCIAIS

29 • NOVEMBRO • 2017

Hoje publicamos o texto de **Fátima Freitas, Alida Fuhrmeister, Carmem Keidann, David Bergmann, Maristela Wenzel, Mery Wolff, Rosângela Costa e Alice Lewkowikz** sobre importante trabalho conjunto de colegas psicanalistas e educadores.

■ INTERSUBJETIVIDADE NA INTERDISCIPLINARIDADE COMO UMA ALTERNATIVA

*“Catar um por um os espinhos da água
estaurar nos homens uma telha de menos
respeitar e amar o puro traste da flor”*

Manuel de Barros

O gden (1994), referindo-se à intersubjetividade entre analista e analisando, destaca a tensão dinâmica que se estabelece entre ambos os constituintes do par, no que diz respeito a seus próprios pensamentos, sentimentos, sensações, realidade corporal e identidade psicológica.

A subjetividade individual e a intersubjetividade criam, negam e preservam uma à outra. A tarefa não é desembaraçar os elementos constitutivos da relação, num esforço para determinar quais qualidades pertencem a cada indivíduo que participa dela. Ao contrário, do ponto de vista da interdependência entre sujeito e objeto, a tarefa analítica envolve uma tentativa de descrever, o mais completo possível, a natureza específica da experiência de inter-relação da subjetividade individual e da intersubjetividade.

Há dez anos a SPPA e a Secretaria Municipal de Educação (SMED) criaram uma parceria de trabalho com os educadores de escolas de educação infantil da cidade de Porto Alegre. Através de *Rodas de Conversa* entre educadores e psicanalistas aborda-se os vínculos entre as crianças, os educadores e suas famílias no cotidiano dessas escolas.

Tendo em vista que estas escolas estão situadas em zonas de alta vulnerabilidade socioeconômica, cria-se de imediato um abismo entre as expectativas de resoluções de “problemas” e as reais possibilidades de recursos disponíveis.

Nestes diálogos, os grupos formados por indivíduos de duas disciplinas – Educação e Psicanálise – tentam criar espaços simbólicos com a perspectiva de tentar lidar com situações muito graves de desamparo e violência.

Uma das nossas hipóteses de trabalho é a de que o impacto criado pelo *confronto intersubjetivo* entre mundos aparentemente tão separados/diferentes possa promover deslocamentos de perspectivas habituais pré-estabelecidas tanto para os educadores quanto para os psicanalistas.

Assim, a interdisciplinaridade estaria abrindo novos vértices na visão de mundo de todos os integrantes do grupo: por um lado, os educadores podendo encontrar alternativas menos estereotipadas para a compreensão dos fenômenos abordados e, por outro, os psicanalistas descobrindo novas maneiras de enfrentar situações limite de sobrevivência muitas vezes desconhecidas nas suas experiências de vida.

A tarefa analítica envolve uma tentativa de descrever, o mais completo possível, a natureza específica da experiência de inter-relação da subjetividade individual e da intersubjetividade.

Confirmadas estas hipóteses, estaremos promovendo, através das Rodas de Conversa, que analistas e educadores ampliem suas vivências subjetivas além dos consultórios e das salas de aula.

A ação do psicanalista nesta dimensão de trabalho interdisciplinar abre um espaço de possibilidades simbólicas que aumenta nossa capacidade de tolerar abismos individuais e coletivos. E tudo isso só tem sido possível por estarmos cada vez mais implicados no esforço de viabilizar a persistência de Rodas de Conversa entre educadores e psicanalistas, entre os psicanalistas que fazem parte desta parceria, entre as instituições que compõem esta parceria e entre psicanalistas de diferentes instituições. ■

SUICÍDIO & HOMICÍDIO NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Hoje publicamos o potente e revelador texto de **Roosevelt Cassorla**. Leiam.

10 • DEZEMBRO • 2017

Psicanalistas somos artesãos e trabalhamos microscopicamente com fatos clínicos que se manifestam no campo analítico. Frente a um suicídio, como o do reitor da UFSC, somos levados a pensar – com pena e indignação – em hipotéticos fatores subjacentes, cuja validação será impossível. Os indícios revelam situação altamente traumática. Frente a dores insuportáveis o ato suicida se impõe como forma de escape e protesto. Os colegas sabem que a Universidade foi invadida e o reitor preso e humilhado. Nada que exigisse atos desse tipo.

O psicanalista gostaria de escrever mais sobre o assunto. Fica para outra vez. Logo percebe que o episódio não é único. Há uma repetição. Invasão de salas de aula na Universidade do Pará, acusações a professores da UFRS, condução coercitiva e acusações aos dirigentes da UFMG, situações parecidas em outras universidades. De repente descobrimos que a corrupção se encontra.... nas Universidades!!!

Como Professor Titular, por concurso público (o título, que não costumo usar, é importante neste momento), de uma Universidade Pública (UNICAMP), com décadas de convívio no meio universitário, posso afirmar que a corrupção endêmica NÃO se encontra na Universidade Pública. Todos sabemos onde ela está.

Não é preciso repetir que é a Universidade Pública, com tradição de pensamento livre, de debate criativo, de investigação ética, de interação com a sociedade mais ampla, o *locus* privilegiado do exercício da cidadania. Isso é impossível nas instituições privadas ou mesmo confessionais.

Sabe-se que a imensa ampliação das Instituições de Ensino Privadas, geralmente de baixo nível, com ações altamente valorizadas nas bolsas de valores, têm sido bancadas com dinheiro público. Somente podemos imaginar as formas como conseguem isenções de impostos, verbas governamentais e outras benesses. Seus alunos fazem parte da população que o governo sustenta com bolsas de estudo, dinheiro que enriquece as instituições e que contribui para a formação de indivíduos sem pensamento crítico suficiente. Enfim, instituições incrivelmente mantidas – em grande parte – pelo dinheiro público.

A privatização tem sido tomada como a solução para a “ineficiência” do serviço público. Nós, que estudamos em escolas públicas, que frequentamos e trabalhamos em Universidades Públicas, sabemos do esforço, da seriedade, do compromisso com a Sociedade e a firme intenção de que ela se beneficie da investigação, ensino e assistência. São as Universidades Públicas que têm buscado a inclusão dos menos favorecidos, implementando formas criativas, como os sistemas de cotas, os cursinhos preparatórios, o preparo intra-universitário. Experiências de sucesso, que

conheço de perto. Esses alunos não se diferenciam, no decorrer dos cursos, dos demais e por vezes os superam, desfazendo a ideia de que somente os mais favorecidos podem aproveitar as Universidades de primeira linha.

Não há dúvidas de que se vem tentando, já faz tempo, o desmonte dessas instituições. Seu homicídio. A Educação, em todos os níveis, vem sendo atacada, ainda que se resista heroicamente. Há fortes indícios de que governos vão efetuar Parcerias Público Privadas (!) para as escolas estaduais. Vou pular a questão curricular, onde se ataca o ensino laico (convênio com o Vaticano, influência da bancada “evangélica” – que, aliás, já tem uma numerosa formação de “psicanalistas”) e o pensar crítico (escola ‘sem partido’, proibição de discutir sexualidade, indução sutil ao racismo e fanatismo).

De tempos em tempos surge a falácia da cobrança de anuidades pela Universidade Pública. Agora se aproveita um documento do Banco Mundial nessa direção. Debater essas propostas, em uma forma democrática, não será negado pelas Universidades. Essa discussão, no entanto, nunca é proposta, porque se sabe que os argumentos serão rapidamente desfeitos. E as segundas intenções correm o risco de serem descobertas.

São as Universidades Públicas que têm buscado a inclusão dos menos favorecidos, implementando formas criativas, como os sistemas de cotas.

Tudo indica que privatizar a Universidade é um dos objetivos escondidos. O mesmo ocorre com a pesquisa em outras Instituições Públicas, com a Saúde, os presídios e, no futuro, poderá ocorrer com a própria Justiça. Primeiro se lhes cortam os recursos, em seguida são consideradas ineficientes, agora se mostra que são “corruptas”. O pensamento simplista é “comprado” pela população, alvo de campanhas propagandísticas insidiosas. A “solução” simplista, também. O Grande Irmão, de “1984”, insiste, como as pulsões destrutivas.

A questão é eliminar o livre pensar, o questionamento criativo, a investigação ética, a ampliação do universo simbólico, a oposição ao autoritarismo e ao dogmatismo. O resultado será o lucro, a manipulação do pensar, o pragmatismo não ético, a verdadeira corrupção que comprará “leis” vantajosas ou meios de não obedecê-las. E isso ocorre quando a cidadania se aliena ou é alienada pela falsa informação e estímulo ao pensar.

Como psicanalistas e cidadãos temos que continuar alertas para as consequências deste momento triste de nossa história. Aqui e em outros países, onde o desrespeito aos direitos humanos e à alteridade, o ataque ao pensamento, o fanatismo, a violência e a desumanização vêm se alastrando. Temos que continuar estimulando o debate. O Observatório tem sido um dos lugares propícios para isso, mas temos que ir além.

(Nesta semana foram presos os dirigentes de uma instituição privada que, em convênio com a Prefeitura de Campinas, dirigia o Hospital Municipal Ouro Verde. Corrupção na escolha, desvio de dinheiro, licitações dirigidas e tudo o que já sabemos. Um bom exemplo de como uma “privatização” sutil termina. Veja mais detalhes na internet). ■

Em memória de

David Capistrano da Costa Filho

LUTA DEMOCRÁTICA & REFORMA PSIQUIÁTRICA

Hoje publicamos o texto esclarecedor de **Liana Albernaz de Melo Bastos** sobre um dos temas efervescentes da semana: a reforma psiquiátrica e seus avanços e retrocessos.

As recentes medidas tomadas pelo prefeito de São Paulo em relação aos usuários de crack em nome de uma “cidade limpa” reeditaram antigas práticas, comuns e conhecidas por todos que há anos vem lutando pela Reforma Psiquiátrica no Brasil.

Em 1990, o Brasil tornou-se signatário da Declaração de Caracas, que propunha a reestruturação psiquiátrica. Promulgada, no Brasil, em 2001, a Lei 10.216 dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. O Brasil entra, através dela, no grupo de países com legislação moderna de acordo com as diretrizes da OMS e da OPAS.

Esta longa luta se travou em muitas frentes dos direitos humanos e da cidadania. Implicou numa mudança paradigmática e não apenas numa nova proposta de modelo assistencial. O imaginário popular impregnado pela exclusão dos “diferentes” e caucionado pelas políticas higienistas presidia, até então, o modelo psiquiátrico.

À criação do Azylo de Alienados do Jaqueiri, em 1898, seguiu-se a da Colônia Juliano Moreira e a de Barbacena em 1903. Se hoje ocupamos o 4º lugar no ranking mundial de população carcerária (segundo o Centro Internacional de Estudos Penitenciários), no início dos anos 2000 éramos os primeiros em parque manicomial. A lógica dos encarcera-

A loucura é a mais radical das figurações da alteridade. Ela está nas fímbrias, nos desvãos e nos mistérios de cada sujeito.

mentos, em ambos os casos, é equivalente. A maioria – nas prisões e nos manicômios – é pobre, negra e parda.

Impulsionadas pelos ventos da redemocratização e pela mobilização social e política do final dos anos 70, as ideias de Franco Basaglia repercutiram no Brasil. Em visita à Barbacena, Basaglia chamou a colônia de “campo de concentração nazista”. Até o início dos anos 80, 60.000 pessoas morreram em Barbacena por fome, doença e abandono. O Juqueri orgulhava-se de ter criado em 1922, o Pavilhão dos Menores que, em 1957 abrigava 3.520 crianças. A Juliano Moreira não ficava atrás.

A prevenção eugênica, o sanitarismo, o controle social e a segurança eram os critérios. Os “desagradáveis” e “indesejáveis” (prostitutas, mendigos, pessoas sem documento, usuários de drogas e doentes mentais) constituíam estas populações retiradas do convívio social por internações que se estendiam por toda a vida. Destruíam-se seus laços de pertencimento. Eram aniquilados identitariamente.

A grande virada da Reforma Psiquiátrica inicia-se com a mudança de um modelo hospitalocêntrico e manicomial, de características excludentes, opressivas e reducionistas. Diminuem-se os leitos psiquiátricos, mantidos apenas para curtas internações; criam-se os centros de atenção psico social (CAPS) com equipes multidisciplinares e integração com o SUS; implantam-se programas de moradia e o benefício de prestação continuada a pacientes portadores de doença mental.

Na esfera da clínica, criam-se dispositivos teóricos e de ação na ampliação das capacidades psíquicas, existencial e social dos sujeitos através de uma clínica ampliada, com o engajamento de várias categorias profissionais e modalidades de intervenção oriundas de diversos campos teóricos. A Psicanálise extra muros aqui tem o seu lugar.

O movimento antimanicomial é uma das formas de luta contra a exclusão e a favor da tolerância e respeito pela diferença. A alteridade, diferença inassimilável e irreduzível é o desconhecido, o estrangeiro, o inimigo, o não-representável que nos habita, condição fundante do sujeito. A loucura é a mais radical das figurações da alteridade. Ela está nas fímbrias, nos desvãos e nos mistérios de cada sujeito.

Nos tempos em que vivemos de retrocesso dos direitos democráticos, nós, psicanalistas, temos, por dever de ofício e compromisso ético, que nos inserir nesta luta sob pena de nos confinarmos em nossos “manicômios privados”. ■

ainda resta **esperança** NO INSUPORTÁVEL?

“ O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”.

Italo Calvino

Hoje publicamos texto escrito por nossas colegas do Sul – **Alice Lewkowicz, Eleonora Spinelli, Joyce Goldstein e Elisabeth Cimenti** – há muitos anos atuando junto a crianças e adolescentes expostos à extrema violência.

6 • MAIO • 2018

Vivemos, no mês de abril, um encontro organizado pela APU em Montevideu, que promoveu esperança em quem trabalha com grupos expostos à violência social. Foi o XIII Diálogo Latino-Americano Intergeneracional entre Hombres y Mujeres, que coincidiu com os vinte anos da COWAP. Esse encontro proporcionou interessantes reflexões sobre *Infancia-Genero-Sociedad*, destacando diferentes formas de exercício social da violência e suas consequências.

Dentre a apresentação de vários colegas, destacamos a narrativa da Dra. Carmen Rodriguez, psicóloga, doutora em Educação, consultora do UNICEF. Ela aborda a questão das crianças e adolescentes expostos a situações de

extrema violência. Reatualiza conceitos utilizados por outros autores e os aplica a situações de grande vulnerabilidade. Resgata o termo “oprimidos” para se dirigir a essas pessoas.

Oprimidos são aqueles que já tiveram encontro com o “inferno”. Carmen define o inferno, citando Calvino, como o lugar onde se transita no insuportável; onde o insuportável é institucionalizado e as crianças transitam à deriva. Muitas crianças e adolescentes transitam pelo insuportável durante toda a infância.

Somos testemunhas de laços sociais que se nutrem dessas desigualdades, da exclusão, da intolerância às diferenças de todo tipo, dando lugar à opressão e ao aniquilamento.

Algumas instituições de proteção à infância colocam-se como mais um lugar de desproteção, ameaçando a existência das possibilidades criativas e da dignidade humana. Assim, tornam-se um instrumento público de repetição e vingança social.

Nessas situações, cria-se um inframundo institucional onde a ética se perde em detrimento de relações públicas de poder violentas que reeditam *scripts de dessubjetivação*.

Crianças ficam institucionalizadas em um circuito de desproteção, já que as instituições onde são acolhidas e que deveriam ser protetoras reproduzem o padrão de não acolhimento e os maus-tratos em relação a elas.

Rodriguez retoma o conceito de “regularidade” de Foucault para colocar que, em alguns casos, o insuportável acontece, acontece e acontece... Dentro desse contexto, existem crianças que são convencidas de que não são semelhantes e inevitavelmente perdem a capacidade de se pôr no lugar do outro.

Como nos aproximarmos delas? Qual é a alternativa possível?

A psicanálise pode contribuir para dar visibilidade e voz a esses processos. A lei, que nem sempre é ética, pode ser denunciada e repensada. A ética de Antígona é inquestionável. Existem coisas que não se pode suportar!

A psicanálise pode exercer uma atividade macro e micropolítica sobre essa realidade; ter inserção sobre as políticas públicas que pensam a infância e dedicar-se a construir pequenos gestos que podem transformar. ■

Oprimidos são aqueles que já tiveram encontro com o “inferno”. Carmen define o inferno, citando Calvino, como o lugar onde se transita no insuportável; onde o insuportável é institucionalizado e as crianças transitam à deriva. Muitas crianças e adolescentes transitam pelo insuportável durante toda a infância.

Hoje **Liana Albernaz de Melo Bastos** nos convoca a sermos vigorosos na luta por um país mais inclusivo, justo e democrático.

O SONHO DAS CIÊNCIAS E A CIÊNCIA DOS SONHOS

Há alguns dias, a Academia Brasileira de Ciência apresentou aos presidentiáveis propostas para um desenvolvimento sustentável e socialmente justo do Brasil incorporando ciência, tecnologia e inovação como política de Estado. Considera que, no mundo contemporâneo, é impossível a criação de novos empregos, o combate à pobreza, a redução da desigualdade e o fortalecimento da governabilidade democrática sem melhoria da educação, do uso da ciência, da aplicação de tecnologias localmente eficientes e da introdução da cultura da inovação em toda a sociedade*.

O que os psicanalistas podem dizer a este respeito?

Desde que Freud abortou o “Projeto para uma psicologia científica” (1895), a Psicanálise ocupou um lugar marginal às ciências. O modelo cartesiano não permitia o alinhamento da psicanálise.

Curiosamente, é da autoanálise de três sonhos que Descartes teve em 1619, que a ciência nasceu. “Em 10 de novembro, como eu estava cheio de entusiasmo é que descobri os fundamentos de uma ciência admirável”. (*cit Buff, L. Sonhos sobre Meditações de Descartes*). O racionalismo nasce sobre o pano de fundo do sonho.

Na Interpretação dos Sonhos, momento inaugural da Psicanálise, Freud nos apresenta a realidade psíquica. Logo, a equivalência – mas não a identidade – da realidade psíquica à material. Outras oposições cartesianas são superadas pelo conceito de pulsão: corpo/alma, sujeito/objeto, natureza/cultura.

O princípio da incerteza da Física quântica ao apontar a onda eletromagnética comportando-se ora como partícula, ora como onda, a depender da pergunta, abole a oposição sujeito/objeto. A subjetividade é recolocada em cena após o desassombro de Descartes que, ao retirá-la, inaugurou a ciência moderna.

A verdade última não é objeto nem da ciência nem da Psicanálise. O real (das Ding) é inapreensível. Temos dele aproximações, pequenos desvelamentos. Seja pelas equações matemáticas (Lacan), pelos tropeços da fala, dos sonhos, dos sintomas, por aquilo que, do oculto, a nós se revela.

Assim, no mundo contemporâneo, a psicanálise sem se confundir com a ciência, tem, com seu instrumental teórico-técnico, um lugar a ocupar.

O OP, através de seus membros, vem caminhando nesta direção ao refletir sobre muitos dos temas que nos atravessam neste difícil momento no Brasil.

O ataque odioso à cultura e à livre expressão artística feita ao Queer Museu revelou que os horrores da perseguição nazista à “arte degenerada” se atualizavam pelo clima antidemocrático que legitimava e não mais reprimia a intolerância dos sujeitos.

Também a face xenófoba, racista e misógina do ódio incitaram-nos a nos manifestar quando dos brutais assassinatos de Marielle e Anderson e do genocídio continuado da nossa população jovem, pobre e predominantemente negra. O OP foi representado no emocionante depoimento de Wania Cidade.

A dessubjetivação de crianças institucionalizadas e a possibilidade de sua reversão por pequenos gestos foi relatada no belo trabalho de Alice Becker Lewkowicz, Eleonora Abbud Spinelli, Joyce Goldstein e Maria Elisabeth Cimenti.

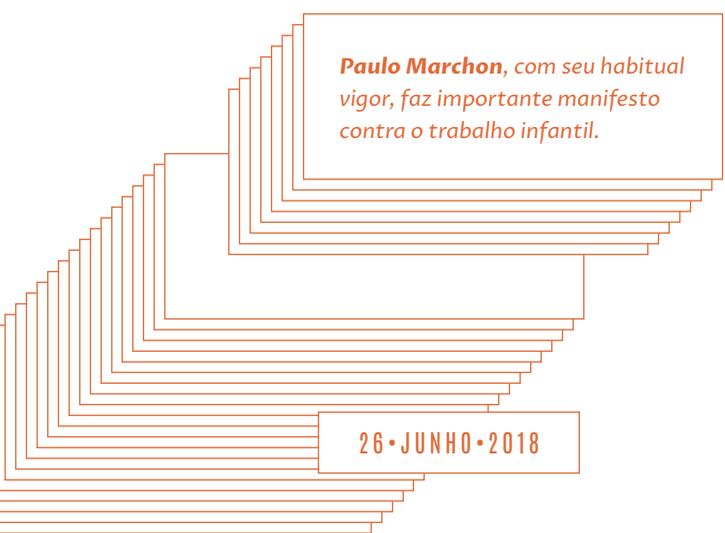
A invisibilidade social que perversamente, pela denegação, grande parte da população e do poder público insiste em oferecer aos negros e aos pobres do país foi trazida no pungente texto de Rodrigo Lage Leite sobre a tragédia do Largo do Paissandu.

Não estamos calados. Nós, psicanalistas, cujo trabalho se sustenta na ética, temos nos manifestado. A psicanálise pode e deve se juntar a outras vozes que, como as da ABC, lutam por um país inclusivo, justo e democrático. Nesta luta cabem todos os saberes.

Sejamos sementes prenhes de vida e sonhos. ■

Não estamos calados. Nós, psicanalistas, cujo trabalho se sustenta na ética, temos nos manifestado.

* Documento disponível em <https://goo.gl/i5WY87>



Paulo Marchon, com seu habitual vigor, faz importante manifesto contra o trabalho infantil.

26 • JUNHO • 2018

"Poder-se-ia até mesmo sustentar que a exploração desavergonhada do trabalho e em particular do *trabalho das crianças* é que foi o fator – ou um dos fatores – determinante da expansão demográfica da Inglaterra, de três milhões e meio de habitantes para sete milhões em pouco tempo. São as crianças que trabalham, produzem, e, com isso, aumentam a massa dos bens – de comida – que a classe laboriosa usufrui ou que partilha." Ou seja, esmagando corações e mentes de crianças o Mundo criou a Revolução Industrial e nunca mais foi o mesmo.

A O ASSALTO À INFÂNCIA

Causa-nos espanto esta afirmação de Koyrée, porém não deveríamos estranhar, pois nós desfrutamos, ainda hoje, do trabalho infantil que é praticado em grande parte dos países do mundo, principalmente na Ásia e na África, mas também na América, principalmente a Latina.

Existem formas sutis de escravidão em que se propõe aceitar uma criança para “criar”, ou a mais descarada prostituição infantil pelos pedófilos, ou outros tipos de trabalho forçado como o das crianças-soldados da África, descritas no sofrido artigo de Fernanda Marinho em *Trieb*.

O combate ao trabalho infantil é como o pênalti, é muito importante para se deixar apenas o governo bater.

Colocando a criança a trabalhar para nós realizamos um verdadeiro assalto a ela. A repressão atual às drogas, mantida pela sociedade brasileira, cria o menor-traficante, que sustenta sua família e sustenta o usuário das drogas e sustenta o traficante-mor. O conjunto forma também um tipo de cadeia mesmo fora da cadeia.

A reação mundial à aberração inominável das crianças separadas dos pais e presas em canis e jaulas por ordem de Trump pode também nos lembrar daqueles que continuam a não ter infância e trabalham durante toda a existência.

Nós podemos ficar discutindo e escrevendo sobre o tema, mostrando nossa indignação, nosso terror, nossas soluções diante de políticas governamentais, mas se nós não colocarmos a mão na massa, direta ou indiretamente, participando *in loco* do que está sendo feito ou malfeito, seja pelos órgãos governamentais seja pelas entidades de caridade que se propõem a proteger a infância, estaremos sem empregar ao máximo nossas potencialidades e as crianças estarão sofrendo por este motivo, pelo empenho apenas parcial das nossas forças.

Juristas e psicólogos organizaram um grupo em Fortaleza a que deram o nome de *Oportunize*. Com pequena contribuição financeira de cada um, propuseram a um colégio famoso um desconto sensível na mensalidade e propiciam, desta forma, estudo gratuito a alunos pobres da periferia. Há entidades caritativas não governamentais que precisam de algum tipo de nossa ação direta, a fim de auxiliá-las a proteger as

crianças não só do trabalho infantil, mas de todas as agressões que as crianças sofrem. O despertar de nossas consciências implica nossa participação direta. O Banco Granmeen, criado por Muhamad Yunus, ganhou o Prêmio Nobel da Paz de 2006, com pequenos empréstimos feitos aos pobres, principalmente mulheres. O combate ao trabalho infantil é como o pênalti, é muito importante para se deixar apenas o governo bater. Temos que bater todos juntos. Pra frente, Mundo!

Também considero a atitude cristã de que a mão direita não saiba o que a esquerda está a fazer um fator que tolhe o conhecimento do que tem sido feito e que poderia ser um estímulo para outros fazerem. É preciso que as mãos saibam o que fazem para poderem se unir mais fortemente ainda e FAZER.

Por último, não sei como sensibilizar empresas ou redes sociais para unir o maravilhoso 12 de junho quando se comemora ao mesmo tempo o Dia dos Namorados com o Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil. Um slogan me ocorre: “Não dê presente no Dia dos Namorados que seja fruto de trabalho infantil.” Vocês terão soluções melhores para que os casais enamorados se unam no seu dia às crianças que sofrem. ■



EVENTOS PSICANALÍTICOS

**TEORIA E CLÍNICA
DO ANALISTA**

POR QUE NÃO PSICANÁLISE?

10 • NOVEMBRO • 2017

- A CLÍNICA PSICANALÍTICA
- ACESSÍVEL NA RELAÇÃO
- COM A CIDADE

A proposta da equipe organizadora do simpósio, coordenada por Eduardo Martins*, de convidar vários psicanalistas para contar o que fazem em seus projetos nos diferentes territórios, deu corpo e alma a esse campo de ação que trata da *Psicanálise extramuros* ou *Psicanálise a céu aberto*, como chamamos um projeto da FEPAL, ou ainda *Clínica extensa*, de Fabio Herrmann.

O formato mais expositivo, escolhido pela comissão, já nos coloca na posição de escutadores: em um primeiro momento conhecer o trabalho desenvolvido para construirmos juntos uma reflexão a partir do frescor dessas experiências. Em todas as exposições se evidenciou como opera o método psicanalítico em diferentes *settings*, seus limites e sua potência.

Christian Dunker apresentou a *Clínica do cuidado*, trabalho com os refugiados de Belo Monte que foram arrancados do mundo ao qual pertenciam e lançados em territórios que não reconhecem, nem se reconhecem. Logo de início se desconstroem as formas convencionais de atendimento, o que exigiu da equipe criar novas maneiras de tratar do sofrimento causado nessas pessoas.

Entre a escuta individual e coletiva, uma outra dimensão desse projeto se dá quando as doenças ganham uma conotação política, à medida que o adoecimento psíquico ou do corpo eram desvinculados do impacto social ocorrido. Aí a escuta psicanalítica entra como possibilidade de considerá-los na relação com a sua própria experiência de adoecimento, ao acolhê-los em sua maneira singular de sofrer. São questões que ressurgem nas apresentações de Cleusa Pavan, *O que pode um psicanalista no SUS?*, e Rosana Onocko Campos, *Psicanálise e saúde coletiva*.

No complexo sistema da saúde pública, muitos desafios são colocados à psicanálise. Na fala de Cleusa, que discutiu a *Política Nacional de Humanização do SUS*, acentuaria a construção de uma rede de trabalho terapêutico que crie uma espécie de movimento contagiante, onde o cuidado com o sofrimento psíquico seja um disparador de refundação de mundos. Rosana coloca em pauta a nossa forte desigualdade social. Partindo da ideia de que subjetividade e política nunca estiveram separadas na sua fundação, mostra como as histórias de violência não processadas acabam por ser transmitidas transgeracionalmente, provocando silêncio e humilhação. Tal complexa passagem para uma dimensão coletiva, que colabore para estruturar modelos de saúde mental, ainda precisaria ser muito explorada pelas nossas sociedades de psicanálise.

Hoje publicamos o texto de **Magda Khouri**, diretora de atendimento à comunidade da SBPSP, sobre simpósio realizado dias 6 e 7 de outubro pela Associação dos Membros Filiados – SBPSP – em parceria com o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP.

A escuta psicanalítica é um ouvir psicanaliticamente o que já lá está. Não é inventar a psicanálise de um certo lugar, mas aprender com o lugar sem forçar sentidos.

Um dos dispositivos que a psicanálise pode contribuir é instituir a *clínica da clínica*, ou seja, cuidar dos cuidadores. Nesse sentido, a diretoria de atendimento à comunidade da SBPSP tem dirigido o seu trabalho aos agentes de educação, de saúde mental, da área jurídica e de outros setores da cidade, criando convênios e parcerias que tem se consolidado ao longo do tempo.

Como mais um exemplo da *psicanálise onde ela se faz necessária* (Herrmann), Oswaldo Ferreira Leite e sua equipe (IPQ) mantém a presença da escuta psicanalítica na formação dos médicos e um permanente serviço de psicoterapia, talvez um dos maiores do país.

O *Projeto Clínica aberta*, descrito por Tales Ab'Sáber, articula a dimensão íntima e política, afirmando que desejo de política é desejo de psicanálise. Um grupo de psicanalistas atendem todos os sábados em dois pontos da cidade. Essa modalidade de escuta clínica me remeteu ao projeto *Converse com o psicanalista*, sugerida por Leopold Nosek e realizada por Oswaldo Ferreira Leite de, 2008 a 2010, quando todas as sextas-feiras se instalavam no Centro Cultural São Paulo. Oswaldo destaca a rapidez com que as pessoas se vinculavam e se instaurava o encontro psicanalítico.

Por fim, o *Projeto Coletivo Escutando a cidade*, experiência estética, política e refle-

xiva que propõe uma escuta psicanalítica da cidade através da fala de seus cidadãos, de Miriam Chnaiderman e sua equipe.

Como suporte do fazer clínico nessas várias formas apresentadas, é valioso o conceito sobre o *enquadre interno do psicanalista*, proposto por André Green, que é, em última instância, o próprio analista em sua função de guardião do tratamento do paciente.

A marca de uma psicanálise antropológica é outra ideia que sustenta tais experiências, como Herrmann descreve em um comentário inédito, em 2006:

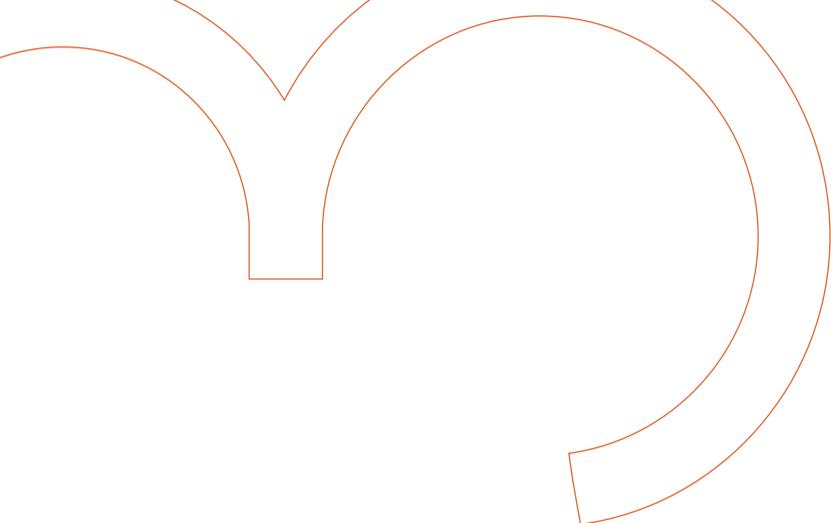
“A tarefa da extensão da clínica impõe consideração ao problema da escuta psicanalítica dar-se fora da cultura onde nasceu a Psicanálise. Uma antropologia do saber psicanalítico. Mostra que a escuta psicanalítica é um ouvir psicanaliticamente o que já lá está. Não é inventar a psicanálise de um certo lugar, mas aprender com o lugar sem forçar sentidos”.

A meu ver, são avanços que nos convocam a desenvolver uma escuta mais radical, implicados com a dor, a angústia, o sofrimento do outro, onde quer que se empregue o método psicanalítico, dentro ou fora dos consultórios.

Penso que o simpósio mereceria o título do belo texto de Mia Couto: *Por um mundo escutador*.

“Me entristece o quanto deixamos de escutar. Deixamos de escutar as vozes que são diferentes, os silêncios que são diversos. E deixamos de escutar não porque nos rodeasse o silêncio. Ficamos surdos pelo excesso de palavras, ficamos autistas pelo excesso de informação”. ■

* Comissão organizadora: Eduardo Martins (coord), Oswaldo Ferreira Leite Netto, Paula Ramalho da Silva, Olívia Falavina, Ludmila Frateschi, Peú Robles, Paula Camarão, Renata Zamborelli



OBSERVATÓRIO PSICANALÍTICO

FEBRAPSÍ

■ ■ UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Hoje publicamos o texto de **Carlos Frausino, Beth Mori e Cíntia Xavier de Albuquerque**, desejando a todos Boas Festas.

24 • DEZEMBRO • 2017

As festas de final de ano se aproximam. Pessoas cruzam o país e o planeta em busca umas das outras. Cidades se iluminam pelo fascínio do encontro. Famílias e amigos se reúnem para abraços e ceias longamente esperados. É tempo de comemorar.

O símbolo da passagem do tempo é bem-vindo. Renovamos intenções e esforços na incrível experiência de viver. Chegamos ao final de um ano difícil, marcado por impactantes acontecimentos no Brasil e no mundo.

Nosso Observatório nasceu a muitas mãos. Uma construção coletiva. Aquisição preciosa, onde o exercício do convívio e da aceitação das diferenças é desafio diário. Desafio e oportunidade para aprender o que, teoricamente, sempre sabemos.

Nosso Observatório nasceu a muitas mãos. Uma construção coletiva. Aquisição preciosa, onde o exercício do convívio e da aceitação das diferenças é desafio diário. Desafio e oportunidade para aprender o que, teoricamente, sempre sabemos. Temas foram abordados por psicanalistas da Febrapsi, dentro do legado freudiano de, estando na cultura, sermos críticos dela.

Temos um ano desafiador pela frente. Nossa tarefa será a de acompanhá-lo sob o vértice psicanalítico e ter a ousadia de iluminar as questões críticas que pudermos identificar nesse processo.

Agradecemos aos colegas que, ao longo do ano, construíram conosco esse lugar onde podemos dizer o que sentimos, pensamos, sabemos e não sabemos a respeito do que se passa conosco, no nosso país e no mundo em que vivemos.

Desejamos que o espírito natalino fertilize o ano que se inicia, de forma que a solidariedade e o respeito à diversidade sejam nossas companhias diárias.

Feliz 2018! ■

“ NÃO DESEJO SUSCITAR
DESEJO CONVICÇÕES —
DESEJO ESTIMULAR O
PENSAMENTO
E DERRUBAR
PRECONCEITOS ”

Hoje publicamos o texto de **Ignácio Paim Filho** convocando-nos a retomar, com Freud, a expansão da capacidade de pensar.

Foi com essa frase que Freud reiniciou seu ciclo de *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*, na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena, em 1917. Nessa ocasião seu público era composto essencialmente por médicos e estudantes de medicina, descrentes das proposições da jovem ciência. Seu objetivo era sensibilizar sua audiência com o pensar psicanalítico – *derrubar preconceitos* – e fazer refletir sobre a subjetividade que constitui o humano, território do inconsciente, com seu pulsional em sua errância, decorrente do polimorfismo perverso da sexualidade infantil: *estimular pensamentos*. Tudo isso permeado pelo princípio ético de *não suscitar convicções* calcadas em imperativos categóricos, mas sim num pensar que contemple *que não é pecado mancar* (Freud, 1895).

Estamos a 100 anos desse acontecimento, o mundo sofreu uma série de transformações, vivemos em um tempo onde podemos advogar que houve um incremento do pensamento científico. Esse só é compatível, de uma forma extensa, em um contexto no qual vigora a presença da alteridade. Pensar que implica, em sua essência, uma capacidade de interrogar-se e inquietar-se com o desconhecido: estímulo para curiosidade investigativa, terreno fértil para produzir interações entre o universal da ordem social e o singular do sujeito. Mola propulsora para a busca do conhecer. Conhecer que remete ampliar o universo, por demais circunscritos, do pensar animista e religioso

– presença do idêntico. Esses que trazem consigo a força obliterante de verdades estabelecidas por demandas narcísicas niilistas: *para quem não sabe amar, fica esperando alguém que caiba no seu sonho* (Cazuza).

Entretanto nos deparamos em nosso cotidiano com um fenômeno *Estranho* (Freud, 1919), em que o dito pensar científico vem perdendo seu status de gerar indagações e respostas transitórias, para produzir perguntas que incitam a respostas absolutas. Eis aí um desconhecido que evoca um velho conhecido. Tempo de ressuscitar o pensamento animista e religioso? Tempo de suscitar convicções fundamentalistas? Creio que sim. Os preconceitos, transvestidos de princípios morais protetores – com sua destrutividade – que habitam as profundezas do ser, retornam e proliferam de forma assustadora, em uma ordem cultural que se pretende altamente civilizada: *Descobrimos, para nosso espanto, que o progresso aliou-se a barbárie* (Freud, Viena, 1938). Descoberta realmente espantosa e por demais inquietante. Contudo, este século, do qual somos herdeiros, tem como

É necessário seguirmos trabalhando, mais do que nunca, para estimular o pensamento, derrubar preconceitos e não suscitar convicções fundamentalistas com seu totalitarismo.

uma de suas características centrais o franco acesso às mais variadas formas de comunicação. O falar, escrever, publicar... estão na ordem do dia, dos mais diferentes segmentos sociais. Provavelmente este cenário é fonte de problemas e soluções. Problemas enquanto espaço de possíveis catarses coletivas, que tragam consigo a meta de fomentar ataques a todo aquele que é portador de uma dessemelhança, que remete à dor de uma semelhança não reconhecida, o estrangeiro em mim: a letalidade do *narcisismo das pequenas diferenças* (Freud, 1930). Quanto à solução, ela advém, por exemplo, na medida em que se pode ter acesso à palavra do outro – convergindo e/ou divergindo – gerando indagações diante de tantas certezas de cunho dogmático. Processo, que quero crer, possa ser uma nascente, que permita brotar a reinvenção do tempo primeiro de uma comunicação ética: o pensamento construído em consonância com a escuta das diferenças e sem indiferença.

O pensar reflexivo – aquele que suporta mancar – marca fundante do pensar científico, está em franco declínio. Nesse sentido, a convocação freudiana se reatualiza, é necessário seguirmos trabalhando, mais do que nunca, para estimular o pensamento, derrubar preconceitos e não suscitar convicções fundamentalistas com seu totalitarismo: *posso exalar um suspiro de alívio agora que o peso foi tirado de mim e mais uma vez posso falar e escrever – quase disse ‘e pensar’ – como quero ou como devo* (Freud, Londres, 1938).

Finalizando, recomendo as palavras de Chauí (2005): *somos eticamente livres e responsáveis não porque possamos fazer tudo quanto queiramos [...] mas porque aprendemos a discriminar as fronteiras entre o permitido e o proibido.* ■

■ ■ AS ROTAS DA ESCRavidão

Hoje publicamos texto de **Miguel Sayad** sobre “os grãos que indicam o caminho para a chegada ao homem intolerante, violento e escravocrata.”

26 • JANEIRO • 2018

Este Congresso será uma grande oportunidade para “estimular o pensamento e derrubar preconceitos” – Ignácio Paim, em seu importante texto publicado no OP, justamente ali onde o “pensamento aliou-se à barbárie”: o tráfico de escravos negros como política de Estado.

Que rotas podemos tomar, ou que a nós, ainda pequenos indefesos tomaram-nos e conduziram-nos à intolerância, à discriminação e à violência? Onde, no desenvolvimento libidinal identificatório, encontram-se os marcos, os grãos que indicam o caminho para a chegada ao homem intolerante, violento e escravocrata?

Entre a mãe e sua cria, não só entre, mas envolvendo-os, muitos fatores determinam

o futuro: o ambiente sócio político da criação dos pais e da criança, e ainda um pouco esquecida nesta equação da constituição da violência contra o estrangeiro e o diferente, estão o fator edípico e a figura do pai.

Reparem: toda, quase toda violência, as ações genocidas, o reforçamento da discriminação e do preconceito, sua gênese mesma, advém do pai e de líderes masculinos: de sua ideologia e conduta.

A identificação precoce do filho com o pai não é fator a ser negligenciado, e sabemos que de grande relevância nestes processos é a identificação com o agressor.

Esses líderes masculinos são os mesmos *eus* que oprimem e usam as mulheres como

suas posses e objetos de gozo e prazer sádico: lideram matança de homens e estupro de mulheres desde tempos imemoriais.

Esta conjunção humana pode ser alterada com a evolução da espécie do pensar e do fazer compartilhado com o outro e a Psicanálise pode ter uma função importante nesta mudança de paradigma em ser humano.

As condições perversas, as perversões da sexualidade, devem ser reconsideradas à luz, ou obscuridades, das novas alteridades: áreas de estudo, curiosidade e aprendizado.

Na rota do sadismo, do genocídio, da eliminação dos diferentes ou insubmissos, da orgia na matança, o fator implicado diretamente e que deve ser focado é o exemplo do pai: Pai Todo-Poderoso, imagem ideal para o filho, por isso venho insistindo em ter em foco as figuras míticas de Pai onipotente: Deus, Allah, Iahweh, que amparam e talvez mesmo constituam o reforço inconsciente necessário e aceito socialmente, para que o pai sádico, intolerante, violento e matador continue a ser celebrado como herói de nossa cultura ocidental colonialista.

Na rota do sadismo, do genocídio, da eliminação dos diferentes ou insubmissos, da orgia na matança, o fator implicado diretamente e que deve ser focado é o exemplo do pai: Pai Todo-Poderoso, imagem ideal para o filho.

Os heróis de minha infância eram machões e matavam índios e negros para tomar suas terras e submeterem-nos à ordem ocidental e todos vibravam e os aplaudiam com grande excitação heróica identificatória erótica.

Beth Mori indaga nas conversas do OP: “sobre o que não estamos falando”?

Estamos falando muito pouco da figura do pai. e, no entanto, foram os pais idealizados, segundo a imagem de Deus e seus representantes, os senhores do tráfico e da escravidão: aqui incluídos padres e reis, como por exemplo Carlos II da Inglaterra e nobres ingleses, D. Manoel, o Navegador, e Vasco da Gama, grandes exaltados heróis portugueses.

Pois sim, “o terrorista é um indivíduo aterrorizado”, como lembrou Cassorla, sim, como crianças aos montes são desde pequeninas aterrorizadas por seus pais, que aterrorizam suas mães desde a gestação de seus filhos. Como, depois, serão e são aterrorizadas populações fracas e indefesas, mães gestantes e seus filhotes, sob o risco de extermínio ou de submissão desidentificatória de suas origens, com perdas de todos os seus bens e posses e mesmo identidades.

E como se tornou hábito ter o OP como inspiração constante, um comentário de Miguel Calmon sobre o “Moisés” levou-me a pensar como pode ser difícil suportarmos a falha, básica e estrutural de toda identidade, individual ou de um povo, que neste caso, paradigmático da abertura para o outro, Freud conclui que Moisés era Egípcio!! ■

Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a Virginia Ungar e Sergio Nick pelo convite para introduzir o complexo tema da IPA na Comunidade nessa discussão aberta do *Board* da IPA aqui em nossa reunião na Costa Rica. Como sabemos, as últimas administrações da IPA têm incluído programas e comitês que se relacionam com *outreach*, com a divulgação da psicanálise, como também se nota em muitas Sociedades das três regiões. No entanto, agrupar esses programas e comitês e acrescentar novos em um setor específico da gestão revela um desenvolvimento original da atual administração. Penso que essa nova área vai ser decisiva para a revitalização de nossa instituição.

De fato, não é surpresa para mim que essa iniciativa parta de uma Diretoria Latino-americana na IPA. No livro que Silvia Flechner e eu editamos sobre “Contribuições Latino-americanas para a psicanálise” em 2005 encontramos que muitos analistas de nossa região estão preocupados com nossa realidade social, possivelmente devido a nossas histórias de ditaduras, violência e desigualdade social. Essas questões levaram a inúmeros estudos sobre esses temas, como por exemplo, o de “luto sem corpo”, no caso dos “desaparecidos”.

Em seu discurso para as Nações Unidas em 2006, na comemoração dos 150 anos de nascimento de Freud, Cláudio Eizirik, então presidente da IPA, descreveu como a psicanálise poderia contribuir de duas maneiras para buscar uma prevenção da transmissão intergeracional da guerra, do ódio e da violência. Uma delas seria através do tratamento psicanalítico de pacientes, levando a

IPA

2 • FEVEREIRO • 2018

NA COMUNIDADE

Nesse texto **Sérgio Lewkowicz** ressalta a importância do contato próximo entre a psicanálise e a comunidade, em âmbito internacional.

transformações psíquicas que beneficiariam os indivíduos, suas famílias e suas comunidades. Por outro lado, através de atividades conjuntas com outras organizações, como a própria UN, por exemplo, se poderia contribuir com uma perspectiva psicanalítica na construção de uma maior tolerância com as diferenças, sejam sociais, raciais ou sexuais. Penso que essa é a ideia que Virginia e Nick estão desenvolvendo criando essa quarta área na estrutura da IPA. Como salientaram eles em sua plataforma: “we need to get out

of our consulting rooms and our institutions and devote time to working in the community, especially in those spaces where young professionals are facing complex realities such as substance abuse, domestic violence, sexual abuse, migration, and eating disorders. I am referring to hospital departments (such as psychopathology, psychiatry, and pediatrics), community health centers, schools, universities, and more.”

Para isso é necessário que nossos institutos de psicanálise ofereçam, além de uma formação de alta qualidade, uma preparação para essas atividades comunitárias, como

Parece-me que é através da IPA na Comunidade que pode se construir uma passagem entre as instituições psicanalíticas e a comunidade, entre os analistas e os demais, abrindo um espaço pelo qual pode passar a troca de experiências e de conhecimento que, em minha opinião, vai ser decisiva para a sobrevivência da IPA e da própria psicanálise.

dizem Virginia e Sergio: “*we need to offer a first-rate analytic training that will allow future analysts to internalize the analytic attitude so that they will be able to do ‘as much psychoanalysis as possible’ both in [their] consulting room and in very different settings.*”

Outro exemplo que gostaria de trazer é o Observatório Psicanalítico criado pela FEBRAPSI em 2017: um espaço virtual criado pela Diretoria de Comunidade e Cultura para discussão de temas sociais e políticos da sociedade brasileira, além de tópicos internacionais relevantes e que foi ganhando cada vez mais participantes ao longo do ano. Creio que esse tipo de espaço tem oportunizado uma discussão franca onde diferentes pontos de vista podem ser abordados. Além disso, as discussões têm dado consistência para que as instituições psicanalíticas se pronunciem com uma perspectiva psicanalítica sobre temas fundamentais da comunidade como a “cura gay”, a censura de exposições de arte, o retrocesso da política de saúde mental e outros temas significativos.

Finalmente queria também enfatizar as transformações que ocorrem com os próprios analistas que se envolvem com essas atividades. Há um enorme aprendizado e enriquecimento profissional e pessoal. Um analista que começa uma atividade desse tipo não vai ser o mesmo ao concluí-la.

Parece-me que é através da IPA na Comunidade que pode se construir uma passagem entre as instituições psicanalíticas e a comunidade, entre os analistas e os demais, abrindo um espaço pelo qual pode passar a troca de experiências e de conhecimento que, em minha opinião, vai ser decisiva para a sobrevivência da IPA e da própria psicanálise. ■

As palavras líricas do poeta expressam as mais importantes questões diante das quais nos deparamos desde o nascimento até a morte, e com as quais, nós, seres humanos aprendemos ou não a lidar: os vínculos e a passagem do tempo. O poeta traduz por meio de sua poesia o êxtase e o roubo que temos pelo objeto amado e desejado, de quem esperamos a satisfação dos nossos mais profundos anseios e necessidades. Expressam também as diferentes temporalidades que funcionam ao mesmo tempo em nossa mente.

O indivíduo ao nascer, por ser imaturo e incapaz de prover sua própria sobrevivência, precisa da presença de alguém que possa assumir os cuidados necessários para seu crescimento, criando desde cedo a noção de fragilidade e a consequente necessidade de outro ser humano para atender as demandas vindas do interior e para lidar com as solicitações ou ameaças provenientes do exterior.

“Longa é a arte, tão breve a vida”

Tom Jobim

Por outro lado, existe a incontornável passagem dos tempos: do tempo cronológico, que nos impõe a finitude da vida, o fim das coisas, e do tempo subjetivo, o tempo do inconsciente, que é o tempo que não passa, que não conhece a finitude, que tem outra lógica. “No inconsciente, cada um de nós está convicto de sua imortalidade” (S. Freud). Vivemos tempos diferentes, tempos múltiplos, que se somam, se subtraem, mas que, cada um a seu modo, imprimem sua marca em nossos corpos e em nossas mentes.

TEMPORALIDADES & VÍNCULOS



**DESAFIOS DA CLÍNICA
CONTEMPORÂNEA**

Neste texto **Gleda Araújo** nos convoca a refletir sobre temas sempre desafiadores: temporalidades e vínculos.

28 • FEVEREIRO • 2018

“Quando a luz dos olhos meus
E a luz dos olhos teus
Resolvem se encontrar
Ai, que bom que isso é meu Deus
Que frio que me dá
O encontro desse olhar”

Tom Jobim

Temporalidades e vínculos, com toda a sua gama de possibilidades, com suas infinitas tramas e variações, recheiam o material que é trazido para os nossos consultórios, e tem sido assim desde sempre.

No entanto, o mundo vem passando por profundas transformações desde a segunda metade do séc. XX e que se intensificaram no início desse século: os grandes avanços científicos, tecnológicos, políticos e sociais, mas também, o fracasso das grandes ideologias, sociedades multifacetadas, crises de valores, descrença nas instituições. Ou seja, por um lado, se essas transformações refletem o progresso, por outro nos fazem ver o mundo moderno com cores sombrias e fortes pinceladas de desesperança e desalento. Soma-se a isto, a revolução eletrônica personificada pela Internet que, com seu ilimitado tráfego de imagens e textos, alterou por completo o nosso cotidiano, rompeu barreiras e espaços, criou uma nova linguagem e novas formas de comunicação, modificou a maneira de nos relacionarmos e de lidarmos com o mundo.

Temporalidades e vínculos,
com toda a sua gama de
possibilidades, com suas
infinitas tramas e variações,
recheiam o material que é trazido
para os nossos consultórios, e
tem sido assim desde sempre.

Mas como e de que forma todos esses avanços e transformações implicam em nossa maneira de nos vincularmos? Em nossa maneira de lidar com o tempo? Em nossa noção da morte e da nossa transitoriedade e das coisas que nos rodeiam? E sobretudo, como tudo isso se reflete na clínica psicanalítica?

Para debater temas tão instigantes a Fe-pal está propondo, nos dias 02 e 03 de março, em São Paulo, um diálogo clínico interfederativo com a presença de colegas das diferentes regiões da IPA, que irão trocar experiências e refletir sobre suas ideias e práticas clínicas, e sobretudo conversar sobre como lidam com estes desafios da atualidade. ■

O FEMININO E A CULTURA

*Hoje publicamos reflexões de **Almira Rodrigues** sobre as inúmeras possibilidades relacionadas a feminino e cultura.*

Re centemente participei do debate “O Feminino e a Cultura” promovido pela Comissão de Comunidade e Cultura da Sociedade de Psicanálise de Brasília. Procurei desenvolver algumas reflexões e senti uma grande dificuldade de escolher uma trilha para a minha fala. Isso porque falar de feminino e cultura nos reporta a inúmeras possibilidades: mudanças na condição das mulheres e nas relações de gênero; diversidade e migrações sexuais e de gênero; inovações científico-tecnológicas que possibilitam intervenções nos corpos; movimentos LGBTIQ em defesa do desejo e

dos direitos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexo, queers; violência de gênero (femicídios, espancamentos, estupros e assédio sexual de mulheres cis, trans, travestis); violência contra os sujeitos que vivenciam práticas sexuais diferentes da heteronormatividade; preconceitos e discriminações contra as mulheres e sua exclusão dos espaços de poder e de decisão. Enfim, um mundo de opressões e desigualdades, mas também de lutas e de conquistas por justiça, por igualdade de direitos e de oportunidades, por relações de gênero mais fraternas. Alguns países estão mais avançados nessas conquistas, principalmente no que se refere aos direitos sexuais e reprodutivos. Outros convivem com situações de muito terror: meninas que sofrem mutilações genitais (3 milhões por ano no mundo) e meninas entregues a casamentos forçados (12 milhões por ano no mundo); mulheres feitas escravas sexuais, castigadas por leis elaboradas pelos homens, e privadas do direito à instrução e à formação profissional.

Lembro que somente em 2017, depois de mais de um século da criação da IPA, por Freud, em 1910, temos uma Presidente, a psicanalista argentina Virginia Ungar. E também que o 51º Congresso Internacional da IPA, a realizar-se em 2019, em Londres, terá como tema “O feminino”. Será uma grande oportunidade para repensarmos como a psicanálise vem lidando com o feminino e a feminilidade, esta, com certeza, noção das mais complexas. Alguns psicanalistas enfatizam a feminilidade originária, ponto de partida, associada ao desamparo constitutivo de todo ser humano; outros pensam a noção como ponto de chegada, fruto do desenvolvimento psicosssexual e da identificação com o feminino. E aí, nos perguntamos: o que vem a ser o feminino e a feminilidade? Podemos falar de essências e universais a respeito? Acredito que não, que estas representações são sempre construções de determinados tempos e espaços.

E em tempos de pós-modernidade – cuja lógica é estudada pela psicanalista Letícia Glocer Fiorini em seus trabalhos sobre sexualidade e gênero – considero que a perspectiva da pluralidade e da diversidade é um valor positivo e inovador. Nesse sentido, podemos pensar: em múltiplos femininos, com diversos corpos, identificações, desejos, projetos, parcerias os quais encontram mais espaços para existirem; em problematizar o binarismo feminino-masculino, tão profundamente arraigado na sociedade; e no não alinhamento automático entre corpo sexuado, identidade de gênero e desejo/prática sexual. Esperamos que as múltiplas psicanálises possam

Freud dizia que o biológico constitui um pano de fundo para o psíquico (o ego é corporal). Precisamos considerar que as culturas constituem igualmente outro pano de fundo e, parafraseando, podemos dizer que o ego é também social.

realizar escutas sensíveis dessas novas apresentações sexuais, de gênero, familiares e de parentalidade. Freud dizia que o biológico constitui um pano de fundo para o psíquico (o ego é corporal). Precisamos considerar que as culturas constituem igualmente outro pano de fundo e, parafraseando, podemos dizer que o ego é também social. Aliás, este chamado veio de Marian Alizade, uma das fundadoras e primeira Coordenadora do *Women and Psychoanalysis Committee* – COWAP – Comitê Mulheres e Psicanálise da IPA, criado em 1998. Alizade cunhou de 4ª série complementar os fatores sociais, culturais, históricos e políticos destacando a sua enorme relevância na construção da subjetividade e do psiquismo dos sujeitos. ■

A Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto terá a honra de sediar no final de Julho próximo, o *Encontro Internacional BION 2018* que, nesta edição, escolhemos como tema *Pensamentos Selvagens*.

Nossa Sociedade sofreu grande influência do pensamento de Bion desde a sua origem, em grande parte graças ao colega José Américo Junqueira de Mattos, que teve a experiência ímpar de análise pessoal com Bion e nos trouxe – de forma apaixonada – as suas ideias originais.

BION 2018: PENSAMENTOS SELVAGENS

Hoje publicamos texto de **Paulo Ribeiro** sobre o evento *Bion 2018*, cujo tema é *Pensamentos Selvagens*.

Como sabemos, Bion foi um psicanalista clínico atípico, turbulento, que dialogou livremente com os campos da Filosofia, Matemática, Física Quântica, Literatura e Ciências Humanas, gerando um estilo original de transmissão do seu pensamento, e repercutindo enormemente na evolução dos instrumentais clínicos e teóricos utilizados pelos analistas contemporâneos.

Existem ainda sérias controvérsias sobre muitos de seus conceitos e de sua técnica de trabalho psicanalítico, mas cremos ser um consenso ser ele um autor que merece estudos aprofundados de sua obra, cuja natureza a faz constantemente renovada. A cada releitura de um trabalho seu – e elas podem ser muitas! – encontramos novos vértices de pensamento, graças à forma insaturada e criativa com a qual concebeu suas teorias. O que muitas vezes é criticado como “escrita precária”, a nós nos remete à “linguagem de êxito”!

Por esses e outros motivos, há 25 anos, sua inquietação se materializou no primeiro Encontro Internacional sobre as ideias de Bion, que ocorreu em Amsterdã. Seguiram-se encontros em outros tantos países, tais como: Argentina, Brasil, Chile, Espanha, Estados Unidos da América, França, Marrocos e Itália. Consagrados pela sua consistência científica, estes Encontros procuram desenvolver uma política inclusiva, de ampla participação dos colegas; privilegia-se o trabalho em pequenos grupos, intimistas, visando manter a universalidade, a abertura e a ausência de sectarismo, que caracterizam o pensar de Bion. Abre-se, assim, espaço para dimensões menos lineares, sustentando a perspectiva de aprofundamento e expansão de ideias impactantes, desconcertantes e, esperamos, fundamentalmente transformadoras.

Privilegiaremos um diálogo horizontal entre as pessoas, como ocorre no setting analítico, no qual, embora com funções diferentes em cena, há duas pessoas igualmente interessadas em investigar o desconhecido, o “selvagem”.

Nesta linha de reflexão, a SBPRP idealizou um Congresso no qual privilegiaremos um diálogo horizontal entre as pessoas, como ocorre no setting analítico, no qual, embora com funções diferentes em cena, há duas pessoas igualmente interessadas em investigar o desconhecido, o “selvagem”. Nesta edição do Encontro, a função de todos os colegas participantes será equalizada, não teremos conferências magnas ou ênfase na exposição teórica de trabalhos científicos ou premiações de qualquer natureza. Seremos todos chamados para formar um “grupo de trabalho” democrático no qual emergirão espontaneamente lideranças científicas transientes, cuja função será estimular e fazer circular o pensamento clínico-científico inspirado em Bion.

O tema do Encontro, extraído do texto “Domesticando Pensamentos Selvagens” (Bion, 1977) foi concebido em 1977 na forma de uma conferência a ser proferida em Roma,

Itália. Bion a gravou em fita K7 como preparação para a palestra e, anos depois, sua esposa Francesca editou a gravação e publicou o texto no livro homônimo. Nesta época, Bion já estava no final de sua vida e de sua obra, faleceria dois anos depois, em Oxford, aos 82 anos, vítima de uma leucemia fulminante que lhe acometeu no meio de uma viagem de férias à Índia, sua terra natal. Podemos conceber este precioso texto como uma espécie de herança que ele nos deixou, um legado sobre como ele experimentou a ciência que nos foi trazida por Freud – a Psicanálise – e a desenvolveu de forma absolutamente pessoal e singular ao longo de sua vida.

No texto, em um tom relaxado, reflexivo e meditativo, Bion se apresentou para sua plateia imaginária “jogando tempo fora”, pensando de uma forma “quase descuidada” para, após flunar suficientemente, a esmo, sem direção, então verificar o produto de sua “pescaria ociosa”. Entretanto, como refere Francesca Bion na sua Introdução ao texto, “estas cogitações verbais estão longe das ruminações preguiçosas de um sonhador diurno, elas são claras, perspicazes, disciplinadas e coloridas com seu sutil senso de humor pessoal.” Segundo ela, “é assim que os pensamentos selvagens ganham domesticação e que os pensamentos extraviados ganham um lar.”

Esperamos que no Encontro Internacional BION 2018 muitos “pensamentos selvagens” brotem e que pelo menos alguns deles possam evoluir para uma saudável ‘domesticação’! ■

Para maiores informações, sugerimos visitar o Site e o Blog do Encontro – Site: <http://www.bion2018.com.br/index.php> – Blog: <https://bion2018.com/category/linha-do-tempo-time-line/>

O PSICANALISTA QUE AMAVA OS LIVROS

**JAYME
SALOMÃO**
(1928 – 2018)

Hoje a merecida homenagem
é a Jayme Salomão. O autor é
Ney Marinho.

Este texto não é um obituário, é um depoimento, uma recordação, um reconhecimento. Não fui aluno de Jayme Salomão, embora participássemos da mesma atividade de ensino e ele fosse um colega bem mais velho e experiente. Não fui também um amigo íntimo de Jayme, embora tivéssemos amigos em comum – Rosa Beatriz, sobretudo, pois foi na sua casa que o conheci – mas tínhamos um contato bissexto e imediato, certamente mediado pela paixão pelos livros.

Quando nos encontrávamos, a conversa se esticava e perdíamos a hora, quer sobre os últimos lançamentos ou sobre a Feira de Frankfurt, da qual sempre me trazia novidades, ou ainda, os inúmeros projetos que lhe apresentava e com paciência, sem dúvida seduzido, ouvia para com delicadeza mostrar sua inviabilidade! Cito alguns: publicar, em português, as obras de Otto Rank enquanto discípulo de Freud: *Mito do Nascimento do Herói*; *O Duplo*; *Trauma do Nascimento*.

Ouvia minha argumentação, de jovem apaixonado pela descoberta das origens da Psicanálise e, ao final, me dizia: “Ney, você tem razão, mas só há um problema: se eu levar adiante esta publicação corremos o risco de só termos dois leitores, eu e ... você. Infelizmente, ninguém mais lê Rank!” Cruel verdade. Ríamos. Mas, no próximo encontro, outra conversa: que tal uma série de Psicanálise e Filosofia? Parecia concordar. Eu argumentava sobre tanta coisa desconhecida aqui – Gregorio Klimovsky, Marcia Cavell, obras quase que escondidas de Frege ou Norman Malcom – e a conversa fluía, terminando como sempre com a dura realidade de nosso ainda estreito e limitado mercado editorial.

Mas Jayme não era só um parceiro de românticas recordações literárias, mas um formidável aventureiro! Não fosse sua coragem temerária não teria traduzido a *Standard Edition* de Freud, enfrentando incompreensões e críticas. O mesmo ocorreu, de forma talvez

mais dramática embora menos conhecida, com sua perseverança em publicar Bion, com ótimas traduções – Wellington Dantas, ele mesmo com Paulo Dias Correia e, mais tarde, o casal Paulo e Esther Sandler – e a ousadia máxima: publicar a trilogia *Uma Memória do Futuro*. Inicialmente em inglês, pois, esta obra de Bion não foi aceita então por editores de língua inglesa por temerem que fosse um sinal de deterioração mental do grande psicanalista. Este ato de coragem só foi possível porque Jayme aliava a ousadia à erudição e ao discernimento de um legítimo livreiro. Viu na época o que o conservadorismo e o preconceito cegavam: uma obra destinada a dar uma linguagem própria (uma entre as muitas possíveis) à psicanálise em vez de *falar de* psicanálise. Da mesma estirpe de Beckett, Joyce, Rosa e Manuel de Barros.

Jayme no meu entender sofria de uma *discreta timidez* – parece um pleonasma mas não encontro termo melhor. Minha desconfiança se confirmou quando Denise, numa fala emocionada de despedida, mencionou sua relutância em comemorar seus aniversários, inclusive o dos noventa, tendo os familiares que fazer uma festa surpresa. A este respeito, acrescentaria que a mesma atitude tomava quando publicava suas obras, sobretudo as mais notáveis. Recordo-me de certa madrugada, passando pela saudosa *Letras e Expressões*, a *boêmia livraria que não dormia*, umas três da manhã, vejo: *Cogitações*, de Bion, traduzido pelo casal Sandler e publicado pela Imago, sem ninguém saber! Obra de enorme

importância que recentemente lera no original e lamentara não estar ao alcance do público brasileiro. Algo semelhante ocorreu com o livro de Maria Emilia Steurman: *Os Limites da Razão – Habermas, Lyotard, Melanie Klein e a Racionalidade*, uma pequena obra prima de competência filosófica e profunda compreensão do pensamento kleiniano. Obras que saiam quase *clandestinas*, lembrando tempos mais sombrios que esperamos enterados num triste passado.

Jayme aliava a ousadia à erudição e ao discernimento de um legítimo livreiro.

Tenho que parar. Toda despedida é sempre difícil, principalmente para os que não creem. Recordo-me da emoção dos filhos (Marcia, Denise e Eduardo), da esposa, Veronica Rabello, dos netos, alunos, antigos pacientes e amigos no último adeus. Mas, como creio que os pensamentos existem, pelo menos os verdadeiros, independentes de pensadores, acredito que os sonhos, projetos, o compromisso com a psicanálise, com a livre difusão do pensamento – mesmo os mais selvagens – e as ideias que nortearam a vida de Jayme Salomão estarão sempre à disposição das novas gerações, cercados pela gratidão de seus leitores. ■

“Pode ser que nós estejamos lidando com coisas que são tão sutis a ponto de serem virtualmente imperceptíveis, mas que são tão reais que poderiam nos destruir e quase que sem a nossa consciência. Esta é a espécie de área na qual nós temos que penetrar.”

Bion, *Emotional Turbulence*. 1976.

■ ■ PENSAMENTOS SELVAGENS

Nos seus últimos trabalhos, entre 1976 – 1979, Bion conjectura e delinea a existência de uma mente primordial. Essa mente primordial faz parte do Self, que compreende corpo e mente. Seu vértice de observação é somato-psíquico, supõe todo o tempo a existência de trocas, comunicações de um campo para o outro. Junqueira & Braga

(2009), em *Consciência Moral Primitiva: um vislumbre da mente primordial*, destacam que a dimensão da mente primordial compreende os ‘pensamentos sem dono’, os ‘pensamentos sem pensador’, assim como os sentimentos de sermos ‘sós e inteiramente dependentes’, a consciência moral primitiva e o ‘urge para existir’. Bion conjectura que essa mente primordial teria seu desenvolvimento enraizado no funcionamento cerebral, glandular, ainda antes do nascimento, e que nos ficaria inacessível com a cesura do nascimento. A epígrafe acima delinea a área que estamos investigando, a dos pensamentos não nascidos para a mente, a dos pensamentos sem pensador, a dos pensamentos selvagens.

Gisèle Brito nos enriquece com reflexões sobre os *Pensamentos Selvagens*, tema do Encontro Bion 2018, ocorrido em Ribeirão Preto.

Ao mesmo tempo em que Bion destaca a inacessibilidade dessas experiências pré-natais, parece acreditar que as mesmas deixaram traços, vestígios sob a forma de sentimentos hostis transformados em proto-ideias. Ou seja, o feto a termo poderia sim ter uma mente, uma personalidade.

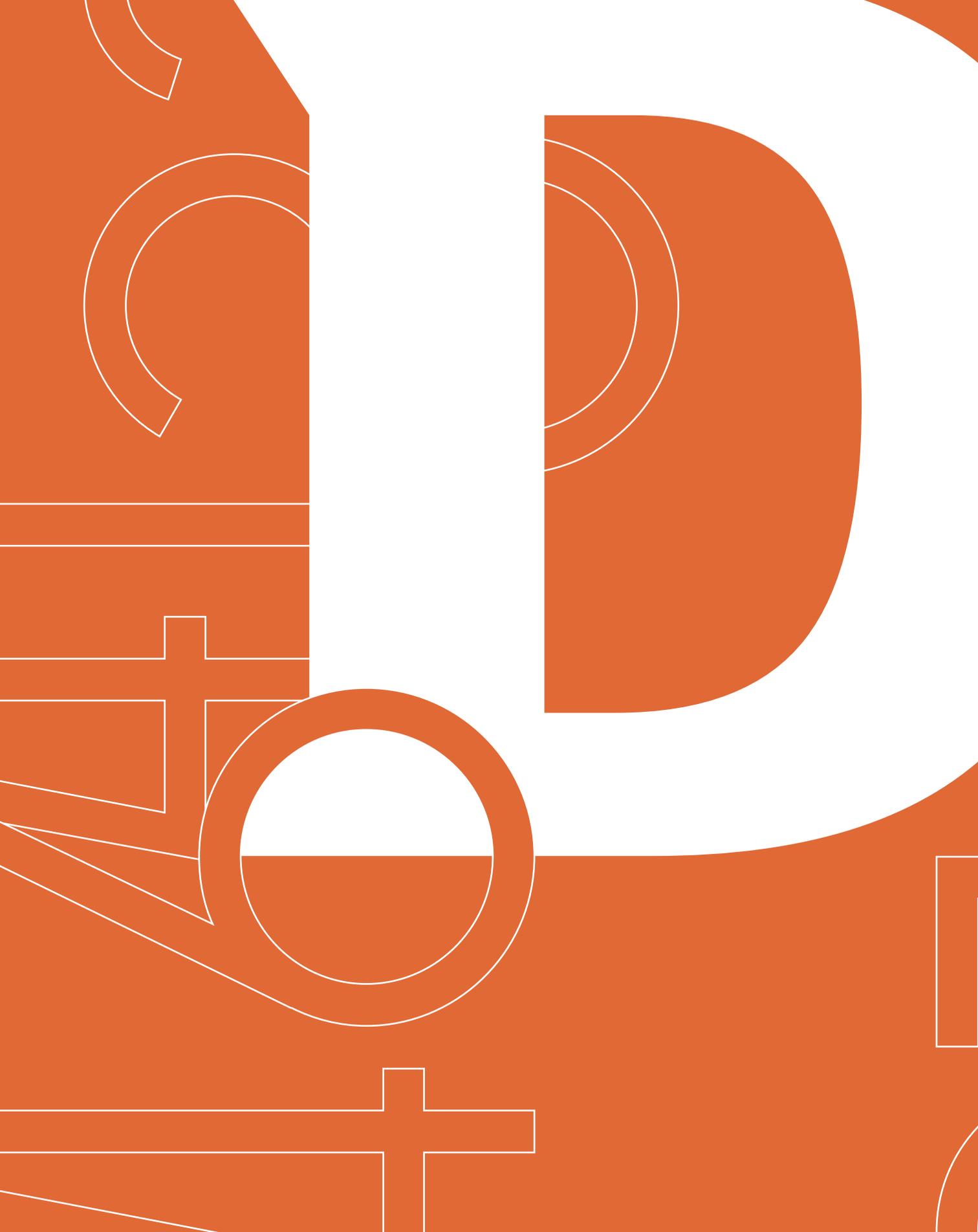
Bion (1977), em *Domesticando Pensamentos Selvagens*, define os pensamentos selvagens como um “pensamento extraviado”, uma das formas de pensamento “sem pensador”, pertencentes à área denominada por ele de mente primordial. Pensamento selvagem é o nome dado por Bion a um pensamento que precisa ser domesticado para ser incorporado pela pessoa. Pode emergir como ‘sonhos estranhos’ em busca de um pensador para sonhá-los. Estes pensamentos poderão ou não ser acolhidos, seja pela mente do paciente, seja pela do analista. Vai depender da condição da dupla de desenvolver uma continência para que as vivências terríficas possam ser contidas e vivenciadas, naquele momento do encontro analítico. Ou seja, somos vividos pelo pensamento e só podemos conhecê-lo à medida em que nos colocamos unos a ele. O conhecimento é adquirido pela vivência no aprender com a experiência e não pela informação.

Segundo Bion, podemos fazer uso desses restos do passado que emergem sob a forma de estados de mente arcaicos, como as fendas branquiais e caudas vestigiais, se pudermos discerni-los no presente. Estes seriam vestígios mentais arcaicos como terror, culpa, vivências dolorosíssimas que impõem profundo sofrimento psíquico. Estamos diante

Somos vividos pelo pensamento e só podemos conhecê-lo à medida em que nos colocamos unos a ele. O conhecimento é adquirido pela vivência no aprender com a experiência e não pela informação.

de uma dimensão de mente inacessível, que opera na fronteira entre corpo e mente e da qual encontramos vestígios nas “associações” do paciente. Será que esses vestígios, “pensamentos”, não poderiam ser um conhecimento inconsciente que irrompe na mente? Algo inconsciente (filogenético) ganharia nosso sistema consciente/inconsciente? O Id, como o grande caldeirão de impressões, pré-concepções? Ou ainda, ‘pensamentos sem dono e ‘pensamentos selvagens’ seriam formas com que esta mente primordial ganharia nosso sistema consciente/inconsciente. Estas são conjecturas que proponho pensar com vocês.

Toda essa área será objeto de investigação e reflexão no evento Internacional de Bion, nos próximos dias 26 a 28/07 em Ribeirão Preto, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto. ■





POLÍTICA NACIONAL E INTERNACIONAL

TERRORISTAS

■ ■ QUEM SÃO ELES?

Hoje publicamos o comovente texto de **Luciano Lício** sobre, para dizer em uma só palavra, a crueldade.

13 • NOVEMBRO • 2017

Toda notícia de ato terrorista desperta em nós um imediato sentimento de repúdio. Isto é compreensível: as vítimas são pessoas inocentes que nada têm a ver com a política, e os bens materiais destruídos eram úteis à população. Repudiamos uma ação destrutiva. Mas fica a pergunta: por que tantas pessoas, em diferentes lugares do mundo, fazem isso? Uma resposta simples é

que são loucos ou são do mal. Outro dia foi na Somália. Mais de trezentos mortos e quatrocentos feridos. Pessoas miseráveis matando miseráveis. O Ocidente acompanhou os acontecimentos à distância. São negros e pobres. Sem valor econômico. Já os atentados de Boston, de Paris e Londres deixaram o mundo aterrorizado e durante muito tempo não se falou de outra coisa.

Lá pelos anos 60 a forma mais comum de terrorismo era o sequestro de aviões, que, em grande parte, terminava sem mortes. Um certo presidente americano, já não me lembro o nome, declarou “guerra ao terrorismo”. Desde então, o terrorismo se alastrou e se diversificou. Os que detêm o poder e a força não dialogam e dificilmente cedem em alguma coisa. Algo semelhante ocorre nas cidades brasileiras. Os problemas sociais são tratados como caso de polícia e a violência só aumenta.

A psicanálise sempre soube que aquilo que não encontra espaço no simbólico é foracuído e inevitavelmente retorna da realidade externa como perseguição. Os excluídos estão nos campos de refugiados, na periferia das cidades e são desrespeitados nos seus direitos mais básicos. A imensa e crescente população carcerária no Brasil demonstra o quanto o nosso país está doente. Os conflitos armados em várias partes do mundo também demonstram que o nosso mundo está bem doente. O que vemos é que muitos vivem mal para que poucos tenham o máximo.

Fico pensando nos homens, mulheres e crianças-bomba. Algo aconteceu que o desejo de viver lhes foi tirado. Recorro a Bion para tentar entender o que se passa, quando ele fala do “Terror sem Nome”; “quando a ausência de um seio continente não só não impede o temor de morrer, mas retira o desejo de viver”. (*Dicionário de la obra de W.R. Bion página 348 Rafael E. L. Corvo*). A ausência do seio poderia ser pensada como a realidade social

A psicanálise sempre soube que aquilo que não encontra espaço no simbólico é foracuído e inevitavelmente retorna da realidade externa como perseguição.

precária e hostil, que precocemente impõe ao sujeito uma quase total impossibilidade de sonhar e desejar. A vida se restringe à busca de prazer imediato sem passado e sem futuro, sem jamais se conseguir um estado de satisfação e repouso íntimo que alimente a construção da subjetividade. Tanto faz morrer hoje ou amanhã. A morte psíquica é a realidade.

Quem são os loucos: aqueles que criam um mundo assim ou suas vítimas? ■

CONSCIÊNCIA

NEGRA

Hoje publicamos o contundente texto de **Wagner Vidille** por ocasião do Dia da Consciência Negra, 20 de novembro.

Caros amigos,
Escrevo aproveitando o intervalo entre sessões e a ausência de um dos pacientes, preso no trânsito em meio a uma manifestação, na Rua da Consolação (nome mais que adequado para o que segue), neste feriado da chamada “Consciência Negra”, pelo menos para os que moram aqui em São Paulo ou no Rio.

Gostaria de compartilhar com vocês alguns sentimentos e lembranças.

Hoje, no caminho para casa, ouvi, pela CBN, a Bethânia recitar um poema de Castro Alves, um trecho do belíssimo *Navio Negreiro*. Lembrei-me logo de Joaquim Nabuco e, ao mesmo tempo, do nosso maior sociólogo, Gilberto Freyre. Sempre que meu estoque de Plasil está em ordem, consigo ler *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, escrito logo depois de *Casa-grande & Senzala*, em 1934. Um relato de cair o queixo! Uma verdadeira vergonha!

21 • NOVEMBRO • 2017

Gilberto Freyre recorreu a cerca de dez mil anúncios, publicados em jornais do Rio (*Jornal do Commercio*) e do Recife (*Diário de Pernambuco*), interessado inicialmente em levantar não só as origens étnicas dos africanos “ensardinhados” e trazidos ao Brasil, mas também os aspectos culturais que envolveram a retirada à força dos que se tornariam “cativos”, aqui, do outro lado do Atlântico.

Nos anúncios, Gilberto começou dando atenção nos “sinais de nação”, escarificações ou cortes na face, um precioso elemento de identificação grupal; ou mesmo às dentaduras dos “fugidos”. A partir da introdução do açúcar em sua dieta (coisa que não conheciam na África), os doces fizeram seu estrago, transformando dentaduras comumente limpas e perfeitas em bocas desdentadas e cheias de cáries. A identificação por traços físicos era a única forma de identificação “das peças”, uma vez que seriam caçadas pelos sertões adentro e trariam polpudas gratificações aos caçadores.

Os anúncios mostravam, sem o menor disfarce, a crueldade a que estavam sujeitos os escravos. Os “fugidos”, muitas vezes, eram descritos pelos sinais de maus-tratos e castigos a que eram submetidos. Deformações por excesso de trabalho, marcas oriun-

das de ferro em brasa e outros tipos de tortura, cicatrizes de relho ou correntes. Havia anúncio de raquíticos, depauperados, olhos vazados, ausência de partes do corpo, oriundos, certamente, de causas sociais brasileiras – melhor dizendo – causadas pela escravidão. Quantos eram gogos!

Um pesadelo! O maltrato era a regra! Os escravos eram vendidos, alugados, arrolados em testamentos, assim como botas, carruagens, terrenos, casas etc. É interessante lembrar que, na decadência econômica do “senhor”, o escravo era o último bem de que o dono se desfazia, antes da falência econômica.

Atenção

“Vende-se para o mato uma preta da costa, de idade de quarenta e tantos annos, muito sadia e bastante robusta, sabe lavar e cozinhar o diário de uma casa... Na mesma casa, vende-se uma tartaruga verdadeira.”

Recomendo este “belíssimo” trabalho de Gilberto Freyre, que nos faz lembrar do trecho mais vergonhoso de nossa história social e política.

Sem entrar nos esperados “aspectos hermenêuticos” e psicanalíticos da questão, queria ainda compartilhar mais uma breve história. Visitando recentemente o lindo Museu Imperial de Petrópolis, na última sala – a sala dos apetrechos de “contenção” de escravos –, entre gargalheiras, troncos, cordas de sedenho, coletes de couro e vira-mundos e outros ferros, uma jovem mãe negra apresentava a seu filho (de uns 7 ou 8 anos) as “ferramentas” citadas. O menino, do alto da sua singeleza, lhe perguntava: “Mãe, pra quê que serve isto?”

E durma-se com um barulho desses... ■

É interessante lembrar que, na decadência econômica do “senhor”, o escravo era o último bem de que o dono se desfazia.

Hoje publicamos o texto de **Carmen Souto** sobre incidente ocorrido na Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

13 • DEZEMBRO • 2017

Uma notícia me chamou especial atenção este final de semana: a de um bombeiro, do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, que pegou, indevidamente, isto é, sem autorização, um carro de apagar incêndio da corporação (Auto Tanque Rebocável – ATR) e saiu em direção ao Plano Piloto, em Brasília, onde ficam situadas as sedes dos Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo. Segundo as matérias, tinha a intenção de jogá-lo sobre o Congresso Nacional.

Depois da primeira notícia vieram em seguida as explicações da família, dos colegas e da corporação para o fato de um bombeiro, treinado para salvar vidas, proteger patrimônios e zelar pela sobrevivência de seres humanos, ter tido por instantes a intenção de atirar um de seus instrumentos de trabalho sobre o Congresso Nacional. Estas explicações eram unânimes em afirmar que ele teve um surto psicótico, devido ao excesso de trabalho e talvez ao uso de substâncias químicas.

Eu pensei cá comigo: este surto é o que todos nós brasileiros estamos em vias de ter. Mas por que será que estamos surtando e querendo atacar de forma tão agressiva as sedes dos poderes da república?

CHAMA O BOMBEIRO!

Trazendo para a psicanálise aplicada podemos dizer que o Estado liberal brasileiro atua como o representante psíquico do pai para o seu povo, intermedia as relações sociais, com a intenção de fazer a negociação de classes e assim fazer um contrato social em que todos os nacionais se sintam sob sua proteção legal. Esta intermediação é feita por meio das leis, regras, normas, decretos e tudo o mais que possa regular e contribuir para a vida cotidiana de cada indivíduo do nascimento à sua morte.

E parece que de repente este Estado-pai não oferece mais a proteção da lei aos seus cidadãos, quando juízes fazem prisões coercitivas em universidades, são parciais em seus julgamentos, promotores defendem a prisão sumária de acusados sem a devida investigação, pessoas podem ter suas casas devassadas com a devida ordem judicial apenas porque vizinhos suspeitaram de certa movimentação, a escola já não assegura mais proteção a estudantes e professores que lá estão, vez que são vítimas de balas perdidas dentro delas. Nem mesmo a barriga da mãe é mais um local seguro para os bebês, pois têm sido comuns notícias de que grávidas têm sido atravessadas por balas vindas não se sabe de onde. O útero já não é mais um local seguro e confortável.

Estamos, nós brasileiros, nos sentindo desprotegidos psicologicamente ao assistirmos a perda do Estado de Direito? Penso que sim, talvez o Estado de Direito seja o pai continente, que nos dá abrigo, proteção, alimento, sentimento de pertencimento e nos torna finalmente cidadãos. Se este Estado nos é retirado, ficamos literalmente desprotegidos, e conseqüentemente, psicologicamente desprotegidos como indivíduos e como cidadãos.

Aqui falo no Estado de Direito como um Estado de Proteção, como uma pele psíquica que reveste o corpo nacional e nos torna amparados e capazes de construirmos na vida comunal e formar uma nação digna. Sem ela somos jogados no labirinto da incerteza e das ansiedades persecutórias, sentidas por todos como um ataque virulento à integridade física, psíquica, social, econômica, moral, grupal, política, cidadã, dentre outras. A forma de se proteger desses ataques internos será também atacando o perseguidor, destruindo-o. A falta do Estado de Direito retira portanto a continência social para se continuar a existir. Na sua ausência suponho que não há psiquismo que resista, uma vez que não há contenção. E então? Chama o Bombeiro! ■

Talvez o Estado de Direito seja o pai continente, que nos dá abrigo, proteção, alimento, sentimento de pertencimento e nos torna finalmente cidadãos. Se este Estado nos é retirado, ficamos literalmente desprotegidos.

Hoje publicamos o texto escrito a quatro mãos, por colegas de duas cidades: **Joyce Goldstein**, da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, e **Maria Teresa Silva Lopes**, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

23 • JANEIRO • 2018

AGENDA BRASIL

Nos primeiros momentos de 2018, logo depois de 2017 ter deixado seu posto, o fotógrafo Lucas Landau nos brindou com uma foto que instantaneamente se tornou “a melhor foto do ano” – este que mal acabara de iniciar –, viralizando nas redes sociais com inúmeras visualizações, mais de 50 mil reações, 6 mil compartilhamentos...

A foto retrata um menino negro, de nove anos, olhando maravilhado para o show pirotécnico da virada do ano. Ele está na beira do mar, sem camisa, de bermuda escura molhada, com os braços entrelaçados na altura do umbigo. Seus olhos admirados estão fixados no céu. Ao fundo e afastada do menino, uma multidão de pessoas, todas vestidas de branco, se abraçando, fazendo selfies, comemorando e, alguns, posicionados de costas para o menino. Ninguém sabia nada dele, além da idade, como o próprio fotógrafo afirmara.

Bem-vindo, 2018!!! A repercussão da foto nos diz que necessitamos pensar, dialogar, reagir, compartilhar... na velocidade própria das redes sociais, abriu-se uma complexidade de manifestações, interpretações e “usos” da imagem. Diante desta, ocupamo-nos com a seguinte questão: por que seria esta a “melhor foto do ano”, um “retrato do Brasil”?

A foto, indiscutivelmente, nos apresenta uma imagem que emociona, ao mesmo tempo em que impacta pela beleza, vista por um ângulo diferente daquele comum, já que se trata

de uma foto tirada do “mar para a areia”. Um cenário lindo, um menino lindo, com um olhar de deslumbre, com seu corpo miúdo e frágil, passa a ser o “retrato do Brasil”. Nas diversas interpretações atribuídas à foto nas redes sociais, que geraram debates acirrados, predominava a ideia de que o menino, negro, era morador de rua, pobre, sozinho no meio do mar, desamparado, sem pai, nem mãe, passando frio – em suma, mais uma criança preta e pobre, socialmente vulnerável, retrato da desigualdade existente em nosso país. Mas será?

Sabemos da pobreza, do desamparo das crianças em nosso país, dos meninos de rua, da violência, de que apesar de a maioria da população no Brasil ser negra, o preconceito racial é sistêmico. Contudo, o que mais nos chamou atenção nos debates em torno da foto foi o fato de que mil e tantas pessoas “formataram” o menino – negro, pobre e sozinho – em uma condição inferiorizada, diferente dos outros que ali estavam, sem que igualmente não soubéssemos nada deles. O menino nos mostra uma fragilidade. Esta pode dizer respeito à fragilidade de uma criança perante a sociedade, a qual, muitas vezes, expõe suas crianças, não oferecendo um olhar e uma visibilidade que legitimem uma cidadania digna e humana.

A compreensão da desigualdade que marca profundamente a sociedade brasileira é um exercício difícil, e é nesta tentativa, de nos exercitarmos, que dialogamos muito entre nós sobre esta foto e resolvemos convidar os colegas a ampliar a busca de mais e diferentes compreensões e olhares. Qual o sentimento ou impressão que a imagem provocou em vocês? A lente do fotógrafo capturou um cenário que nos levou, pelos comentários feitos e pela viralização nas redes sociais, a pensar em um paradoxo, qual seja: o que pouco se quer ver, foi muito visto, através de milhares de postagens.

A imagem do menino provocou em algumas pessoas um sentimento de menos-valia, de desamparo. Este sentimento provavelmente pôde surgir porque fomos condicionados a criar em nós mesmos um (pré)conceito em relação ao negro – que só pode ser pobre e favelado. O que muito nos impacta é que a figura do menino, nesta foto, traz à tona o grau de racismo encruado que mora no interior de cada um de nós. Meninos negros, pobres e favelados sofrem pela invisibilidade, sofrem por carregarem um estereótipo, de serem sujeitos no limite da dignidade humana. As pessoas não costumam ter nenhum sentimento de benevolência em relação ao lugar que estas crianças “marginais” ocupam. Então, a hipocrisia fica por conta do impacto com o “retrato do Brasil” – a foto do ano. Por quê? Quem é o Brasil?

Somos nós, como cidadãos, que fazemos as leis, que criamos as regras. Urge pensar neste social que nos rodeia. “As crianças são nossas!!!” Temos que nos ocupar do que é nosso, de suas necessidades básicas, de seu desenvolvimento emocional, de sua escolaridade – de tudo aquilo que representa e implica a dignidade humana.

No cotidiano, entretanto, nada disso é problema nosso. E, não o sendo, de quem seria?

A foto nos desconfortou, nos “tirou do lugar”, não só pelo impacto da diferença, mas pelo grau da indiferença em que ela nos coloca. E isso nos leva a pensar, conforme Hannah Arendt anuncia em “O direito a ter direitos”, na pouca chance que terão os meninos, perdidos nas imensidões das águas dos mares, de poder apreciar o que têm por direito no espaço público, sem precisar se tornar o “retrato do Brasil”.

A angústia do fotógrafo é quanto à identidade do menino. Ao perguntar a ele seu nome, devido ao barulho, não escutou. De que “barulho” estamos falando? Que “barulho” é esse que transforma a imagem deste menino no fenômeno da exclusão social? Que barulho é esse que nos faz cegos e surdos aos direitos

Apesar de a maioria da população no Brasil ser negra, o preconceito racial é sistêmico.

mínimos dos indivíduos? A exclusão social é a negação dos direitos mínimos, a negação da cidadania. Qual mesmo é o nome deste menino? Não escutamos ou não queremos saber?

Sabemos que, pela cidade, muitos meninos transitam sem se sentir pertencendo. Os transeuntes que por eles passam têm medo, olham atravessados. Mas são poucos os que conseguem parar para olhá-los de forma diferente, como seres humanos, deslocados pela precariedade do social que não os acolhe. Julgá-los é muito mais confortável do que pensar na nossa real responsabilidade para com este social que produz a fome, a miséria, o descaso e a morte pela violência.

O respeito e a solidariedade para com o outro são nossos maiores compromissos. Nossas experiências através da psicanálise estendida, trabalhando com crianças e educadores que vivem em zonas profundamente vulneráveis, proporcionam que nos aproximemos desta realidade, ainda pouco conhecida e reconhecida. Trabalhamos e acreditamos que nossas ações podem ser “pequenas” em quantidade, mas “grandes” quanto ao que podemos oferecer de dignidade humana para as crianças e adultos do nosso Brasil.

Aproveitando o início do ano e as agendas novas para anotar nossos compromissos, que tal criarmos uma “Agenda-Brasil”, e a cada dia registrarmos uma escrita ou um olhar para estas questões que nos dizem respeito enquanto cidadãos e psicanalistas?

Primeira anotação: Lidar com a cidadania para que existam cidadãos! ■

Às vezes, eu só queria
poder sair e
minha avó não ter
medo de eu não
voltar

Eu só queria ter
um pouco de
esperança de que as
coisas vão mudar

Eu só queria não
lembrar que se eu
pegar uma pistola
ou um diploma
ainda assim vão
querer me matar

Eu só queria
acreditar que um
dia vão parar de
nos matar

Mas o relógio não
para e a cada 23
minutos um negro
morre em algum
lugar do Brasil

Rafael Oliveira, 19 anos

Em um seminário sobre a “História da Psicanálise”, daqueles que nos estimulam e levam longe, na investida de articular as ideias, juntá-las com os conhecimentos que já fazem parte da carne. O barulho incessante do telefone tremendo em minha bolsa. Quem poderia estar querendo falar comigo àquela hora? Eram 22:05; não hesito e deixo o aparelho sofrendo por sua

MULHER NEGRA

EXISTE!

19 • MARÇO • 2018

Nesse momento, no Brasil, **Wania Cidade** grita e tenta expressar “o indizível em palavras...”

própria conta. Chegavam-me, quase que simultaneamente, mensagens de dois grupos distintos, ambos de mulheres que lutam e militam por um *lugar de fala*, como diria Djamilia Ribeiro, por um mundo onde não se hierarquize direitos, abusos, arbitrariedades e sofrimento. Às 22:35 não resisto mais e leio uma das mensagens: *Mataram Marielle! Gente, que horror, não estou acreditando, que sinistro!* Começo a tremer, como antes fizera o celular. No outro grupo, leio: *Um tiro em nosso peito, oh pedaço de mim, mataram uma de nós, Marielle está morta...*

Senti vontade de chorar, gritar, de pedir para pararem com tudo, UMA DE NÓS ESTÁ MORTA! Eu não compreendia. Assassinada? Mas ela era uma de nós, humana, humanista. No entanto, *ver* é diferente de *olhar*, de reconhecer a alteridade, de ter a capacidade de simbolizar e a representação do que seja um semelhante introjetada.

Terminado o seminário, quero contar para todo o mundo em busca de um sentido – não há. Deu-se um excesso daqueles que explodem nossa capacidade de localizar corpórea ou psiquicamente aquilo que nos atingiu.

Já em casa leio a poesia do meu sobrinho, Rafael, que certamente tentava esboçar um sentido para nossa dor, para o pranto que em uníssonos sentíamos em nossas almas, tentava transformar o indizível em palavras. Cruel, perverso, mas um sentido: a inexistência no campo representacional de grande parte da população brasileira do que seja o racismo, do seja ser mulher, negra, e ainda, favelada. Marielle era uma desta espécie, para muitos não existia e não era reconhecida como sujeito de direitos. Contudo, foi eleita vereadora por 46 mil eleitores que acreditam que vidas negras importam e por dar voz a uma parcela significativa de nossa sociedade doente, cindida, desigual. Como disse a estudante de Filosofia da UnB, Ana Luiza Guimarães: *o sangue de Marielle Franco e Anderson Gomes está na mão deste Estado genocida que mata preto todo dia, que trata nossos corpos como se fossem descartáveis.*

**Cruel, perverso, mas um sentido:
a inexistência no campo
representacional de grande parte
da população brasileira do que
seja o racismo, do seja ser mulher,
negra, e ainda, favelada.**

Meia lágrima

Não,
a água não me escorre
entre os dedos,
tenho as mãos em concha
e no côncavo de minhas palmas
meia gota me basta.
Das lágrimas em meus olhos secos,
basta o meio tom do soluço
para dizer o pranto inteiro,
Sei ainda ver com um só olho,
enquanto o outro,
o cisco cerceia
e da visão que me resta
vazo o invisível
e vejo as inesquecíveis sombras
dos que já se foram.
Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança.

Conceição Evaristo

Marielle e todas as Mulheres Guerreiras assassinadas em sua luta: PRESENTES, sempre! Elas existirão em mim e em todas e todos aqueles que as reconhecem como Outro, semelhante, e que acreditam que mais tarde o alvo poderá ser o seu corpo. ■

*Palavras de ordem gritadas no velório, sem os corpos presentes, de Marielle Franco e Anderson Gomes. Cinelândia, Centro do Rio de Janeiro.

quem tem **medo** do LARGO DO PAISSANDU? REFLEXÕES SOBRE UMA TRAGÉDIA SECULAR

Há pouco mais de um mês, fui sozinho à Galeria Olido, no Largo do Paissandu, para assistir ao filme “120 Batimentos por minuto”, sobre as primeiras vítimas da AIDS e sua luta, na França do início dos anos 90, frente à invisibilidade que as autoridades insistiam em oferecer à emergente epidemia, fatal epidemia que se alastrava aceleradamente na comunidade gay do país.

Sai atordoado do cinema naquele fim de domingo nublado, e, como num filme de Antonioni, vaguei pelo Largo do Paissandu, por seus bares decrépitos, seus corpos abjetos (no sentido de Judith Butler, retomado por Tiago Porto, em artigo recente na Revista IDE), seus prédios feios...

Sim. À primeira vista, me atraía a feiura e a aridez daquele cenário da tragédia anunciada para mais algumas semanas: um incêndio, um desabamento e o escancaramento da nossa imensa dissociação social, intrigante recalque em massa – ou das massas – que nos afasta fragorosamente do mundo, dos outros.

Só fui resgatado do meu soturno *unheimlich* ao me deparar com a placa na entrada da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no centro do Largo. A placa contava brevemente a história da igreja (os detalhes vim a conhecer depois), fundada em 1906, após a desapropriação da antiga Igreja dos escravos, e também do seu cemitério, motivada por um projeto de modernização urbanística, parte de uma evidente ação higienista da prefeitura.

A construção da nova igreja fora assim assentada em soluções de compromisso: entre a proibição de que os negros entrassem na igreja dos brancos e a obsessão em catequizá-los, mantê-los atrelados à fé católica. Entre conciliar a necessidade de uma igreja à parte para os negros e o projeto higienista da prefeitura.

A placa da igreja me arrancara da condição de perambulante estrangeiro num território alheio, mas visceralmente meu. No coração do Largo do Paissandu, bem ali, na sinceridade que evola daqueles que não estão tão tomados por ideais enrijecidos, podia circular mais livremente a radicalidade do sexual freudiano, redescoberto no mal-estar da neurose. Cine-
mas de sexo explícito – “Assista agora: a trans e a garota” –, bêbados desagradáveis, mas irreverentes, mães suficientemente peculiares que seguram seus filhos com gritos brutos, odores de esgoto, de urina, uma bicicleta que passa veloz e leva o celular do incauto. Era nesta língua em que eu me encontrava imerso: “língua errada do povo, língua certa do povo”, que a despeito da confiança de Bandeira de que “é ele que fala gostoso o português do Brasil”, é secularmente relegada à mais perversa e dura invisibilidade.

Os sobrados e prédios do Paissandu exibiam suas janelas quebradas, remendos de papelão e plástico, cortinas improvisadas em tecidos aleatórios, varais expostos aos olhos do mundo. Qualquer um de nós que por ali passasse poderia assistir a intimidade miserável – mas solidária – de pessoas tentando se amparar na privação absoluta revelada nos fios desencapados que, negligenciados pelos olhos de toda uma cidade – vejo e não vejo – explodiram em fogo, em morte, sintoma desvelado em êxito letal.

Os sobrados e prédios do Paissandu exibiam suas janelas quebradas, remendos de papelão e plástico, cortinas improvisadas em tecidos

Nesse texto impactante o colega **Rodrigo Lage Leite** nos oferece suas reflexões sobre o desabamento de um prédio no Largo do Paissandu, em São Paulo.

11 • MAIO • 2018

aleatórios, varais expostos aos olhos do mundo. Qualquer um de nós que por ali passasse poderia assistir a intimidade miserável – mas solidária – de pessoas tentando se amparar na privação absoluta revelada nos fios desencapados que, negligenciados pelos olhos de toda uma cidade – vejo e não vejo – explodiram em fogo, em morte, sintoma desvelado em êxito letal.

Após o convite da coordenação do Observatório Psicanalítico Febraps para escrever essa pequena reflexão sobre o desabamento no Paissandu, voltei à praça com o intuito de copiar *ipsis litteris* os escritos da placa que me aturdiram à saída do cinema. Encontrei um campo de guerra, com grades de interdição ao redor de centenas de pessoas, inúmeras crianças jogadas sobre as calçadas sujas, disputando marmitas oferecidas por vizinhos ou alguns brinquedos Fisher-Price doados por passantes. Cercados pela polícia, passavam o dia a esmo, à espera de algo não sabido, dependentes da velocidade com que as pás escavadeiras possam levar para desenterrar em escombros séculos de história.

Convencido de que não poderia chegar até a placa, conversei com um rapaz negro da organização que, aparentemente simpático à minha causa, caminhou até um colchão indicado por mim, atrás do qual imaginei estivesse a placa, e nada! Olhou-me com a solidariedade com que se olha para os ingênuos e me falou docemente: “Mas, olha, os padres sumiram. Tem comida lá dentro, mas eles trancaram e não abrem a Igreja há uma semana”! Não confirmei a veracidade da informação, sua realidade material, mas o conteúdo me pareceu absolutamente coerente com a história da Irmandade dos Homens Pretos do Largo do Paissandu.

Acima do alambrado, num novo varal improvisado, cartazes feitos em cartolina corajosamente tentavam responder às acusações

Se bem trabalharem as pás escavadeiras do Estado de São Paulo, encontrarão bem no fundo dos escombros do Largo do Paissandu, viva, a escravidão no Brasil.

sofridas nos últimos dias pelos moradores do prédio desabado e de tantos outros prédios da redondeza: “Todos temos direito à cidade e à moradia”.

Os cartazes parecem frágeis, mas não são! Integram a presença resistente e a atitude firme dos movimentos sociais que há séculos enfrentam a invisibilidade que perversamente, por via de denegação, grande parte da população e do poder público insiste em oferecer aos negros e aos pobres do país.

Seja na violência das *fake news* agressivas, veiculadas via internet, que achincalham os movimentos sociais, generalizando-os como grupos de bandidos ou desordeiros, seja na irritação mais comedida, mas não menos cínica, dos que em 1906 chamavam a polícia para reclamar dos batuques, danças e símbolos religiosos do povo africano na Praça Antonio Prado, ou dos que, em 2018, chamam a polícia para dar solução rápida ao imbróglio da falta de moradia do país e das invasões no centro da cidade, haverá sempre o ranço da denegação. Se bem trabalharem as pás escavadeiras do Estado de São Paulo, encontrarão bem no fundo dos escombros do Largo do Paissandu, viva, a escravidão no Brasil. ■

HERANÇA ESCRAVAGISTA



UMA SÍNTESE

No dia 14 de maio de 1888, o Jornal do Comércio estampava a manchete: “ASSINADA A LEI ÁUREA, o Brasil está livre do trabalho escravo. Na tarde de ontem, a Princesa Isabel sancionou a lei que pôs fim a mais de 300 anos de escravidão (na realidade, quase 400 anos). Conforme o Senador Sousa Dantas, havia no país 600 mil escravos. Levantamento do Império mostra que no ano passado, eram mais de 700 mil. (...)”.

A violência está presente na fundação do Brasil: o tráfico, a tortura, o extermínio, a cisão social e o descaso com a nossa gente estão presentes desde os primórdios.

É preciso pensar em nossa origem para compreendermos o que somos, e onde começa toda a violência que ora vivenciamos, em nossa sociedade.

Apesar da forte influência e de sermos constituídos a partir dos povos indígenas, africanos e europeus, tornando-nos multiétnicos, e da população brasileira ser composta por, aproximadamente, 52% de afrodescendentes, ainda assim o continente africano é pouco conhecido por nós, bem como os efeitos da história, na atualidade. Tenta-se ignorar as interferências que estes povos tiveram na construção do Brasil, privilegiando-se, somente, as influências europeias. No entanto,

muito antes da Europa, a África já tinha grandes impérios e civilizações, e os povos que aqui chegaram para ser escravizados trouxeram conhecimentos de diversos campos.

Após quase 400 anos de escravidão e abandono à própria sorte, aqueles que aqui restaram desenvolveram dispositivos de sobrevivência para lidar com a precariedade, em áreas essenciais à vida, como: direito a um lugar para viver, trabalho que lhes rendesse algum sustento e a mínima condição de vida. A força de trabalho do negro passou a não valer nada, o que os afastou, cada vez mais, dos espaços urbanos. Não obstante decorridos 130 anos desde o fim da escravidão, este panorama mudou pouco, e as populações descendentes de índios e africanos continuam estigmatizadas, realizando trabalhos de pouca remuneração e sem reconhecimento social. As práticas de tortura e crueldade, perpetradas desde a chegada dos colonizadores, deixaram rastros observáveis na atual organização social. Ainda hoje, matam-se jovens negros como se fossem animais, o feminicídio aumenta assustadoramente, e as populações indígenas e quilombolas sofrem intimidações políticas em relação aos poucos direitos conquistados, vivendo atemorizadas pelas constantes ameaças às suas terras.

13 • MAIO • 2018

Nesse texto, nossas atuantes colegas do Rio de Janeiro – **Cristiane Rangel, Eloá Bittencourt, Elisa Alvarenga e Wania Cidade** – desenvolvem considerações sobre nossa herança escravagista.

A herança escravagista está enterrada em nosso psiquismo, no solo de ruas pavimentadas dos portos negreiros da Bahia, de Pernambuco, Maranhão, Belém, Rio de Janeiro e outros, onde chegavam os milhares de africanos das mais variadas etnias. Junto com os resquícios da história, pavimentamos também o nosso psiquismo, para evitar, sem sucesso, o assombro dos fantasmas: escravos e feitores, vítimas e algozes que, ao mesmo tempo, fundam a subjetividade individual e social do brasileiro. Na atemporalidade do inconsciente, circulam sujeitos herdeiros da escravidão, e por mais que recalquemos ou recusemos, está inscrito na cultura. No momento em que o sujeito rejeita esta herança, sonha com a liberdade impossível e convive com a subserviência imposta pelo silenciamento de sua origem, acorrentado, a repetir, sem compreender, o ponto que o ancora e o assujeita, seja pelo medo de perder o amor à supremacia branca, ligado ao ideal de superioridade, de completude – racista em sua raiz – seja pelo medo da diferença, da castração, da singularidade, impede qualquer alteridade da existência de um outro diferente de mim. Assim, estamos fadados à pobreza simbólica, à quebra dos laços sociais, ao adoecimento e à violência.

O racismo à brasileira, implacável e cruel, atua de forma devastadora, ao impor ao sujeito negro o alijamento de sua subjetividade e dúvidas quanto à realidade do que viu, ouviu e viveu.

O racismo à brasileira, implacável e cruel, atua de forma devastadora, ao impor ao sujeito negro o alijamento de sua subjetividade e dúvidas quanto à realidade do que viu, ouviu e viveu.

S. Ferenczi postula que o trauma se dá em dois tempos: o da agressão e o do desmentido. Neste segundo tempo, do desmentido, o trauma é efetivado, e diante do sentimento manifestado pelo negro, de ter sido aviltado, a reação do seu entorno é desmentir: “mas isso não aconteceu desta maneira”; “deixe isso pra lá, não vamos falar sobre isso”; “não é racismo”; “fulano é um complexado”. A dor desses traumas em carne viva grita, silencia e chora. O racismo precisa ser reconhecido como força da realidade.

Observamos, nas redes sociais e de comunicação, como esta situação se reproduz, pois endossam e reeditam as fantasias que habitam o imaginário coletivo, ao representarem os negros de maneira caricatural e estereotipada, dificilmente com capacidade criativa e intelectual diversificada, com capacidade de liderança e lugar de destaque. A força e o poder midiáticos poderiam ser canalizados para um trabalho a serviço da conscientização, preocupado com a inserção na programação de um repertório que, realmente, representasse o cenário brasileiro, o que seria um grande serviço prestado à população. Entretanto, reconhecer este estado de coisas é estar em posição radical de receptividade e com disposição para abrir mão da posição de privilégios.

Alguém pode se contrapor a estas ideias, dizendo: “mas temos visto tantos negros bem colocados na TV e na vida”. É verdade, mas ainda é pouco, está longe de ser uma marca que represente os 52% que somos.

Como dizia James Baldwin: ...estamos 400 anos atrasados. ■

ISRAEL

25 • MAIO • 2018

A CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR

*Sensibilizados, publicamos forte e delicado relato de **Daniela Boianovsky** sobre sua visita a Israel.*

Desembarco em Israel, uma corredeira interna de sensações transborda numa viva inquietação: que rio é esse? Onde desembocarão suas águas? Aos poucos, surge a imagem de um mar feito de registros familiares longínquos, sabores, sonoridades, expressões, símbolos que reconheço de um lugar que, agora percebo, estava até então adormecido. Ancestralidade que parece pulsar e trazer à tona impressões de uma identidade. Herança de pais, avós, bisavós, de uma família/povo inscrita no meu imaginário, pedaços da minha história encontram um continente.

Tomada por essa emoção, vou flinando pelas ruas, pensando em como foi justamente pelo cultivo à memória que aquele povo sobreviveu por milênios de perseguição, mantendo-se vivo através do compartilhamento de suas tradições e de seu conhecimento, num denominador comum que alinhavou tribos dispersas pela diáspora judaica. Garantia de diversidade

e debates permanentes: escuto que em cada dois israelenses, há três opiniões diferentes.

Dentro dos muros da cidade antiga de Jerusalém, respiro a vibração das paixões e dogmas que deram origem ao judaísmo, islamismo e cristianismo: um caldeirão onde fervem disputas, crenças e narrativas. Ao caminhar por aquelas ruelas, percorrendo com alguma liberdade os diferentes “territórios”, o que chamou minha atenção foi justamente a possibilidade (sonho?) de convívio daquele mosaico, o paradoxo ao encontrar torres de mesquitas misturadas às bandeiras do Estado de Israel, multidão de turistas, locais e religiosos diversos cruzando, de um lado a outro, as ruas estreitas que interligam os diferentes setores daquela cidade murada. Guerra e paz. Ponte e abismo. Povo e poder. Efervescência pura. Ilusão? Ingenuidade? Desejo? Esperança? Deixo aquelas ruas habitada por inquietação e muita história, quem sabe consigo vagar, sem respostas, pelas andanças que tenho pela frente para tentar elaborar tamanha ebulição...

Visitar Israel é visitar milênios de história, conflitos, contradições, diversidade humana, capacidade empreendedora e força de sobrevivência. Navegando por seus caminhos, encontro, na nudez do deserto do Negev, uma beleza em forma de curvas e cores, uma provocação à divagação; as pequenas aldeias de beduínos me desafiam a sonhar a coexistência das diferenças, as placas de trânsito nas três línguas (hebraico, árabe e inglês) parecem simbolizar este sonho, o desejo de uma divisão pacífica daquela terra em dois Estados que contemplem israelenses e palestinos em suas respectivas soberanias: pertencimento e direito a existir em território sagrado para ambos. Cercas que apontam para vizinhos inimigos à existência de Israel, assentamentos

Deixo o país com a certeza de que pouco se sabe a respeito de sua enorme complexidade.

indevidos em território palestino, confrontos violentos na fronteira são imagens que invadem o meu sonho e me trazem para a realidade de um nó que ainda está longe de ser desatado. Penso em Yitzhak Rabin e Anwar Sadat, mortos quando lutavam pela paz. Uma luta perigosa. Perco o fôlego.

Em Tel Aviv percebo que, estar em Israel, é também sentir a vida pulsante que parece brotar de toda aquela turbulência, da percepção, talvez, da vulnerabilidade e do sabor de estar vivo. A vitalidade que testemunho em suas ruas, esquinas e praias, nos inúmeros cafés, bares e restaurantes sempre lotados, nas bicicletas que cruzam a cidade, nos habitantes de todas as idades que ocupam os espaços públicos num cenário em que a violência urbana é praticamente inexistente, é contagiante. Recupero a respiração ao testemunhar a mobilização da sociedade civil israelense em oposição às ações governamentais quando estas ferem os direitos humanos ou desrespeitam os interesses democráticos, assim como sua articulação em inúmeras organizações cujo objetivo é a aproximação com os palestinos também dispostos a construir pontes e alternativas ao conflito me devolve a capacidade de sonhar. Vejo a paciente construção de uma nova subjetividade, de um olhar onde o outro é sujeito em suas diferenças, e não apenas objeto depositário de temores e do insuportável terror interno alheio, um sujeito para

além dos estereótipos, livre para pensar e ser pensado fora dos muros do preconceito e da intolerância absoluta praticada por grupos extremistas. Uma batalha que, infelizmente, encontra pouco espaço na mídia internacional, cuja cobertura reforça o desconhecimento das nuances do conflito e da realidade na região, gerando uma visão simplista que separa os grupos em vítimas e algozes.

Deixo o país com a certeza de que pouco se sabe a respeito de sua enorme complexidade, e com as imagens contrastantes da intolerância e violência na fronteira com a Faixa de Gaza, de um lado, e a vitalidade que encontrei em Tel Aviv de outro, imagens que, como uma metáfora, me remetem aos diferentes estados da mente, àqueles que sabemos como fronteirizos, cindidos, e àqueles onde encontramos a capacidade de promover a integração entre amor e ódio, vida e morte.

Desembarco no Brasil. Na bagagem, muitas reflexões. Uma delas, a “guerra” que travamos em nosso país. Um país dividido, ferido por um golpe que vem continuamente derretendo as nossas instituições. Penso no sorriso e na luta interrompida de Marielle Franco, no bombardeio ao direito de todos a uma vida digna, nas prisões abarrotadas de jovens negros, na violência urbana e na criminalização da pobreza, em nossa memória atacada pela crescente adesão a um candidato à presidência defensor da ditadura militar e na segregação social de uma sociedade estruturada em torno de sua herança escravocrata. Penso em nossos sonhos roubados e naqueles que precisamos sonhar.

Sinto o ar rarefeito. Cruzei meio mundo. Sobrevoei a Europa, onde a intolerância, o antissemitismo e o fanatismo crescem assustadoramente. Não está mesmo fácil respirar em nosso planeta... ■

